

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 15

ASRAMAVASIKA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Tratamento do rei Dhritarashtra. Só Bhima tem ressentimento.	4
2	(Idem.)	5
3	Bhima secretamente mantém Dhritarashtra em angústia por 15 anos. Dhritarashtra fala para Yudhishtira sobre ir para a floresta.	6
4	Vyasa avisa Dhritarashtra agora idoso para se retirar para as florestas.	11
5	Dhritarashtra come com Pandavas, então aconselha Yudhishtira sobre regras de realeza.	12
6	Dhritarashtra instrui sobre guerra e paz.	14
7	(Idem.)	16
8	Yudhishtira dá permissão para Dhritarashtra se retirar. Riqueza dada para Brahmanas.	18
9	Dhritarashtra se dirige aos Brahmanas.	19
10	Recebe permissão do povo, que atribui grande batalha ao destino.	20
11	Vidura pede riqueza aos Pandavas para realizar Sraddha. Bhima contesta.	22
12	Yudhishtira garante a Vidura toda riqueza.	24
13	Vidura retorna para Dhritarashtra.	24
14	Presentes dados em nome de filhos e netos mortos.	25
15	Mulheres lamentam enquanto Dhritarashtra parte.	26
16	Kunti resolve ir para as florestas também. Pandavas tentam dissuadi-la.	27
17	Kunti fala – determinada a ir.	29
18	Dhritarashtra e grupo passam a primeira noite na floresta.	30
19	Dhritarashtra iniciado por Vyasa no modo de vida da floresta. Mora com Satayupa.	31
20	Narada relata que Dhritarashtra tem três anos de vida, então ele alcançará a região de Kuvera.	32
21	Pandavas mergulhados em angústia.	34
22	Pandavas partem em grande comitiva para visitar Dhritarashtra.	35
23	Procedem em direção a Dhritarashtra.	36
24	Pandavas saúdam Dhritarashtra, Kunti, Gandhari.	37
25	Sanjaya aponta Pandavas para Brahmanas no retiro.	38
26	Vidura morre e entra no corpo de Yudhishtira - também parte de Dharma.	39
27	No dia seguinte Yudhishtira faz presentes para Brahmanas.	41
28	Vyasa pergunta pelo bem-estar de Dhritarashtra. Fala sobre Dharma.	43
29	Vyasa deseja conceder alguma bênção para Dhritarashtra.	44
30	Kunti fala de sua culpa sobre o nascimento de Karna.	46
31	Vyasa promete que eles encontrarão com os mortos, à noite. Explica origem de: Dhritarashtra do rei Gandharva; Pandu e Bhima dos Maruts; Yudhishtira de Dharma; Duryodhana de Kali; Sakuni de Dwapara; Dussasan e irmãos mais Sikhandin eram Rakshasas; Arjuna é Nara; gêmeos dos Aswins; Surya Karna; Abhimanyu Soma; Dhrishtadyumna do fogo; Drona Vrihaspati; Aswatthaman Rudra; Bhishma Vasu.	48
32	Vyasa convoca tropas.	49
33	Todos reconciliados alegremente. Ao amanhecer as tropas partem. Vyasa permite que as senhoras devotadas se unam a seus maridos.	50

34	Janamejaya questiona Vaisampayana sobre como foi possível os mortos reaparecerem em seus corpos físicos.	51
35	Vyasa mostra a Janamejaya seu pai Parikshit, quando pedido. Janamejaya termina seu sacrifício.	53
36	Pandavas retornam para Hastinapura.	54
37	Dois anos depois Narada vai até Yudhishtira e conta da morte de Dhritarashtra, Kunti e Gandhari em um incêndio na floresta.	57
38	Pandavas lamentam.	59
39	Dhritarashtra realmente queimado por seu próprio fogo sacrificial. Ritos fúnebres realizados.	60

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara o principal dos homens, como também a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

“Janamejaya disse, ‘Depois de terem adquirido seu reino, como se comportaram meus antepassados, os Pandavas de grande alma, com relação ao rei Dhritarashtra? Como, de fato, agiu aquele rei que teve todos os seus filhos e conselheiros mortos, que estava sem amparo, e cuja riqueza tinha desaparecido? Como também Gandhari de grandes feitos se comportou? Por quantos anos meus antepassados regeram o reino? Cabe a ti me dizer tudo isso.’”

"Vaisampayana disse, 'Tendo adquirido seu reino de volta, os Pandavas, com seus inimigos todos mortos, governaram a Terra, colocando Dhritarashtra em sua chefia. Vidura, e Sanjaya e Yuyutsu de grande inteligência, que era filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya, costumavam servir Dhritarashtra. Os Pandavas costumavam seguir a opinião daquele rei em todas as questões. De fato, por quinze anos, eles fizeram todas as coisas sob o conselho do velho rei. Aqueles heróis costumavam ir com muita frequência àquele monarca e sentar ao lado dele, depois de terem adorado seus pés, de acordo com os desejos do rei Yudhishtira, o justo. Eles faziam todas as coisas sob a ordem de Dhritarashtra que cheirava suas cabeças em afeição. A filha do rei Kuntibhoja também obedecia Gandhari em tudo. Draupadi e Subhadra e as outras senhoras dos Pandavas se comportavam em relação ao velho rei e à rainha como se eles fossem seus próprios sogro e sogra. Leitos e mantos e ornamentos, e alimento e bebida e outros artigos agradáveis, em profusão e de tal tipo superior como era digno de uso real, foram presenteados pelo rei Yudhishtira para Dhritarashtra. Similarmente Kunti se comportou em relação à Gandhari como a uma superiora. Vidura, e Sanjaya, e Yuyutsu, ó tu da linhagem de Kuru, costumavam sempre cuidar do velho rei cujos filhos haviam sido mortos. O caro cunhado de Drona, isto é, o Brahmana Superior, Kripa, aquele arqueiro poderoso, também servia o rei. O santo Vyasa também costumava muitas vezes se reunir com o velho monarca e narrar para ele as histórias de antigos Rishis e ascetas celestes e Pitris e Rakshasas. Vidura, sob as ordens de Dhritarashtra, dirigia a execução de todas as ações de mérito religioso e tudo o que estivesse relacionado à administração da lei. Pela política excelente de Vidura, por meio do gasto de pouca riqueza, os Pandavas obtiveram numerosos serviços de boa vontade de seus vassalos e seguidores. O rei Dhritarashtra libertava prisioneiros e perdoava aqueles que estavam condenados à morte. O rei Yudhishtira, o justo, nunca dizia qualquer coisa sobre isso. Naquelas ocasiões quando o filho de Amvika saía em excursões para divertimento, o rei Kuru Yudhishtira costumava dar a ele todo artigo de prazer. Aralikas (peritos em cozinhar ervas em conservas e temperos), e fabricantes de suco, e fabricantes de Ragakhandavas (produzidos de Pimenta-longa, gengibre seco, açúcar, e o suco de Manga Phaseolus) serviam o rei Dhritarashtra como antes. O filho de Pandu buscava mantos e guirlandas caras de diversos tipos e os oferecia devidamente para Dhritarashtra. Vinhos Maireya, peixes de várias espécies, e sorvetes de frutas e mel, e muitos tipos de alimento

deliciosos preparados por meio de modificações (de diversos artigos), foram feitos para o velho rei como em seus dias de prosperidade. Aqueles reis da Terra que iam lá um depois do outro, todos costumavam visitar respeitosamente o velho monarca Kuru como antes. Kunti, e Draupadi, e ela da linhagem Sattwata, e Ulupi, a filha do chefe serpente, e a rainha Chitrangada, e a irmã de Dhrishtaketu, e a filha de Jarasandha, estas e muitas outras senhoras, ó chefe de homens, costumavam servir a filha de Suvala como criadas para todos os serviços. Dhritarashtra, que foi privado de todos os seus filhos, não podia se sentir infeliz em nenhuma questão era o que Yudhishtira dizia frequentemente para seus irmãos verem. Eles também, de sua parte, escutando aquelas ordens de grande importância do rei Yudhishtira, mostraram particular obediência ao velho rei. Havia uma exceção, no entanto. Era Bhimasena. Tudo o que havia acontecido a partir daquele jogo de dados e que tinha sido causado pela má compreensão de Dhritarashtra não desapareceu do coração daquele herói. (Ele ainda se lembrava daqueles incidentes).”

2

"Vaisampayana disse, 'Assim adorado pelos Pandavas, o filho nobre de Amvika passava seu tempo em felicidade como antes, servido e honrado pelos Rishis. Aquele perpetuador da linhagem de Kuru costumava fazer aquelas principais das oferendas que deviam ser dadas para os Brahmanas. O filho real de Kunti sempre colocava aqueles artigos sob o controle de Dhritarashtra. Desprovido de malícia como era o rei Yudhishtira, ele era sempre afetuoso com seu tio. Dirigindo-se a seus irmãos e conselheiros, o rei dizia, 'O rei Dhritarashtra deve ser honrado por mim e por todos vocês. De fato, é um benquerente meu aquele que é obediente às ordens de Dhritarashtra. Aquele, por outro lado, que se comporta de outra maneira em relação a ele é meu inimigo. Tal homem deve certamente ser punido por mim.' Nos dias da realização dos ritos ordenados para os Pitris, como também nos Sraddhas realizados por seus filhos e todos os benquerentes, o rei Kuru Dhritarashtra dava para os Brahmanas, como cada um merecia, medidas tão abundantes de riqueza quanto ele queria. O rei Yudhishtira, o justo, e Bhima, e Arjuna, e os gêmeos, desejosos de fazerem o que era agradável para o velho rei, costumavam executar todas as suas ordens. Eles sempre cuidaram para que aquele velho rei que foi afligido pela morte de seus filhos e netos, pela dor causada pelos próprios Pandavas, não pudesse morrer de sua dor. De fato, os Pandavas se comportavam para com ele de tal maneira que aquele herói Kuru não podia ser privado daquela felicidade e de todos aqueles itens de prazer que ele tinha enquanto seus filhos viviam. Os cinco irmãos, isto é, os filhos de Pandu, se comportavam dessa maneira com Dhritarashtra, vivendo sob seu comando. Dhritarashtra também, vendo-os tão humildes e obedientes às suas ordens e agindo em direção a ele como discípulos para com seus preceptores, adotou o comportamento afetuoso de um preceptor em direção a eles em retorno. Gandhari, por realizar diversos ritos de Sraddha e fazer doações para os Brahmanas de diversos objetos de prazer, se livrou da dívida que ela tinha com seus filhos mortos. Assim aquele principal dos homens justos, isto é, o rei

Yudhishtira, o justo, possuidor de grande inteligência, junto com seus irmãos, adorava o rei Dhritarashtra.'

"Vaisampayana continuou, 'Possuidor de grande energia, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, o velho rei Dhritarashtra, não podia notar nenhuma má vontade em Yudhishtira. Vendo que os Pandavas de grande alma estavam na observância de uma conduta justa e sábia, e o rei Dhritarashtra, o filho de Amvika, ficou satisfeito com eles. A filha de Suvala, Gandhari, rejeitando toda tristeza por seus filhos (mortos), começou a mostrar grande afeição pelos Pandavas como se eles fossem seus próprios filhos. Dotado de grande energia, o rei Kuru Yudhishtira nunca fazia nada que fosse desagradável para o filho nobre de Vichitravirya. Por outro lado, ele sempre se comportava para com ele de um modo altamente agradável. Quaisquer atos, graves ou leves, que fossem mandados serem feitos pelo rei Dhritarashtra, ou pela desamparada Gandhari, eram todos efetuados com reverência, ó monarca, por aquele matador de heróis hostis, isto é, o rei Pandava. O velho rei ficou altamente satisfeito com tal conduta de Yudhishtira. De fato, ele sofria pela lembrança de seu próprio filho pecaminoso. Levantando-se todo dia na alvorada, ele se purificava e realizava suas recitações, e então abençoava os Pandavas para desejar a eles vitória em batalha. Fazendo as doações usuais para os Brahmanas e fazendo-os proferirem bênçãos, e derramando libações no sagrado fogo, o velho rei rezava por vida longa para os Pandavas. De fato, o rei nunca derivou de seus próprios filhos aquela grande felicidade a qual ele sempre derivou dos filhos de Pandu. O rei Yudhishtira naquele tempo tornou-se tão agradável para os Brahmanas quanto para os Kshatriyas, e os diversos grupos de Vaisyas e Sudras de seu reino. Quaisquer males feitos para ele pelos filhos de Dhritarashtra, o rei Yudhishtira esqueceu todos eles, e reverenciou seu tio. Se algum homem fizesse qualquer coisa que não fosse agradável para o filho de Amvika, ele se tornava por isso um objeto de ódio para o filho inteligente de Kunti. De fato, por medo de Yudhishtira, ninguém podia falar dos atos maus de Duryodhana ou Dhritarashtra. Gandhari e Vidura também estavam bem satisfeitos com a capacidade que o rei Ajatasatru mostrou para suportar males. Eles não estavam, no entanto, tão satisfeitos com Bhima, ó vencedor de inimigos. O filho de Dharma, Yudhishtira, era realmente obediente ao seu tio. Bhima, no entanto, à visão de Dhritarashtra, ficava muito desanimado. Aquele matador de inimigos, vendo o filho de Dharma reverenciando o velho rei, o reverenciava exteriormente com um coração muito relutante.'"

3

"Vaisampayana disse, 'As pessoas que viviam no reino Kuru fracassaram em notar alguma alteração na cordialidade que existia entre Yudhishtira e o pai de Duryodhana. Quando o rei Kuru se lembrava de seu filho perverso, ele então não podia se sentir hostil, em seu coração, para com Bhima. Bhimasena, ó rei, impelido por um coração que parecia ser mau, não podia suportar o rei Dhritarashtra. Vrikodara secretamente fez muitos atos que eram desagradáveis para o velho rei. Através de servidores fraudulentos ele fazia as ordens de seu tio

serem desobedecidas. Lembrando-se dos maus conselheiros do velho rei e seus atos, Bhima, um dia, no meio de seus amigos, bateu em seus braços, na audição de Dhritarashtra e de Gandhari. O colérico Vrikodara, se lembrando de seus inimigos Duryodhana, Karna e Dussasana, deu vazão a um arrebatamento de ira, e disse estas palavras duras: 'Os filhos do rei cego, capazes de lutar com diversos tipos de armas, foram todos despachados por mim para o outro mundo com estes meus braços que parecem com um par de clavas de ferro. Realmente, estes são aqueles meus dois braços, parecidos com maças de ferro, e invencíveis por inimigos, chegando dentro de cujo abraço todos os filhos de Dhritarashtra encontraram com a destruição. Estes são aqueles meus dois braços bem desenvolvidos e corpulentos, parecendo com um par de trombas elefantinas. Chegando dentro de seu abraço, todos os filhos tolos de Dhritarashtra encontraram com a destruição. Cobertos com pasta de sândalo e dignos desse adorno são estes meus dois braços pelos quais Duryodhana foi despachado para o outro mundo junto com todos os seus filhos e parentes.' Ouvindo essas e muitas outras palavras, ó rei, de Vrikodara, que eram verdadeiras flechas, o rei Dhritarashtra cedeu ao desânimo e tristeza. A rainha Gandhari, no entanto, que estava familiarizada com todo o dever e possuía grande inteligência, e que sabia o que o Tempo traz em seu curso, considerou-as como incorretas. Depois que quinze anos tinham passado, ó monarca, o rei Dhritarashtra afligido (constantemente) pelas flechas verbais de Bhima, foi tomado pelo desespero e aflição. O rei Yudhishtira, o filho de Kunti, no entanto, não sabia disso; nem Arjuna de corcéis brancos, nem Kunti; nem Draupadi; nem os filhos gêmeos de Madri, conhecedores de todos os deveres e que estavam sempre ocupados em agir conforme os desejos de Dhritarashtra. Ocupados em cumprir as ordens do rei, os gêmeos nunca disseram algo desagradável para o velho rei. Então Dhritarashtra um dia honrou seus amigos com sua confiança. Dirigindo-se a eles com olhos cheios de lágrimas, ele disse estas palavras."

"Dhritarashtra disse, 'Como a destruição dos Kurus ocorreu é bem conhecido por vocês. Tudo aquilo foi ocasionado por minha culpa, embora os Kauravas tenham aprovado todos os meus conselhos. Tolo que eu era, eu instalei Duryodhana de mente má, aquele aumentador dos terrores de parentes, para governar os Kurus. Vasudeva tinha dito para mim, 'Que este patife pecaminoso de compreensão ruim seja morto junto com todos os seus amigos e conselheiros.' Eu não escutei aquelas palavras de grande importância. Todos os homens sábios me deram o mesmo conselho benéfico. Vidura, e Bhishma, e Drona, e Kripa, disseram a mesma coisa. O santo Vyasa de grande alma repetidamente disse o mesmo, como também Sanjaya e Gandhari. Dominado, no entanto, por afeição filial, eu não pude seguir aquele conselho. Arrependimento amargo é agora minha sina por minha negligência. Eu também me arrependo de não ter concedido aquela prosperidade resplandecente, derivada de pais e avôs, para os Pandavas de grande alma e possuidores de toda habilidade. O irmão mais velho de Gada previu a destruição de todos os reis; Janardana, no entanto, considerou aquela destruição como altamente benéfica. (Deve ser lembrado que a Terra, incapaz de suportar seu peso de população, suplicou ao Avô para tornar mais leve aquela carga. O Avô incitou Vishnu a fazer o necessário. Por isso Vishnu se encarnou

como Krishna e ocasionou um alívio da carga da Terra.) Muitos Anikas de tropas, pertencentes a mim, foram destruídos. Ai, meu coração está perfurado com milhares de flechas por causa de todos esses resultados. De má compreensão como eu sou, agora depois do lapso de quinze anos eu estou procurando expiar meus pecados. Agora na quarta divisão do dia ou às vezes na oitava divisão, com a regularidade de um voto, eu como um pouco de alimento simplesmente para vencer minha sede. Gandhari sabe disso. Todos os meus atendedores estão sob a impressão que eu me alimento como de hábito. Somente por medo de Yudhishtira eu escondi meus atos, pois se o filho mais velho de Pandu viesse a saber do meu voto ele sentiria grande dor. Vestido em pele de veado, eu deito no chão, espalhando uma pequena quantidade de grama Kusa, e passo o tempo em recitações silenciosas. Gandhari de grande fama passa seu tempo na observância de votos similares. Exatamente dessa maneira nós nos comportamos, nós que perdemos uma centena de filhos nenhum dos quais jamais fugiu da batalha. Eu, no entanto, não sofro por aqueles meus filhos. Todos eles morreram na observância dos deveres Kshatriya.' Tendo dito essas palavras, o velho rei então se dirigiu a Yudhishtira em particular e disse, 'Abençoado sejas tu, ó filho da princesa da linhagem de Yadu. Escute agora o que eu digo. Tratado com carinho por ti, ó filho, eu tenho vivido estes anos muito alegremente. Eu tenho (com tua ajuda) feito grandes doações e realizado Sradhas repetidamente. (Mahadana significa doações como elefantes, barcos, carros, cavalos, etc. Ninguém aceita essas doações, pois sua aceitação faz um Brahmana decair de sua posição.) Eu tenho, ó filho, ao melhor do meu poder, conquistado mérito em grande medida. Gandhari, embora desprovida de filhos, tem vivido com grande coragem, olhando todo o tempo por mim. Aqueles que infringiram grandes males à Draupadi e roubaram tua riqueza, aqueles indivíduos cruéis, todos deixaram o mundo, mortos em batalha de acordo com a prática de sua ordem. Eu não tenho nada a fazer por eles, ó encantador dos Kurus. Mortos com seus rostos em direção à batalha, eles chegaram àquelas regiões dos manejadores de armas. Eu devo agora realizar o que é benéfico e meritório para mim como também para Gandhari. Cabe a ti, ó grande rei, me conceder permissão. Tu és a principal de todas as pessoas justas. Tu és sempre dedicado à justiça. O rei é o preceptor de todas as criaturas. É por isso que eu falo assim. Com tua permissão, ó herói, eu me retirarei para as florestas, vestido em trapos e cascas de árvores. Ó rei, só com Gandhari, eu viverei nas florestas, sempre te abençoando. É adequado, ó filho, para os membros da nossa linhagem, transferir a soberania, quando chega a velhice, para os filhos e levar o modo de vida da floresta. Subsistindo lá só de ar, ou me abstendo de todo alimento, eu irei, com esta minha esposa, ó herói, praticar austeridades severas. Tu serás um participante daquelas penitências, ó filho, pois tu és o rei. Reis são participantes dos atos auspiciosos e inauspiciosos feitos em seu reino.' (O rei obtém uma sexta parte das penitências realizadas pelos Rishis que vivem sob sua proteção. O demérito, também, dos maus atos realizados dentro de seu reino é partilhado pelo rei, pois tais atos se tornam possíveis pela ausência de supervisão pelo rei.)

"Yudhishtira disse, 'Quando tu, ó rei, estás sujeito à aflição dessa maneira, a soberania não agrada em absoluto. Que vergonha para mim que sou de má

compreensão, dedicado aos prazeres do governo, e totalmente descuidado dos meus verdadeiros interesses. Ai, eu, com todos os meus irmãos, desconhecia que tu estavas tão aflito pela dor, emaciado com jejuns, te abstando de alimento, e deitando no solo nu. Ai, todo que eu sou, eu tenho sido enganado por ti que tens uma inteligência profunda, visto que, tendo me inspirado com confiança a princípio, tu ultimamente tens passado por tal tristeza. Que necessidade eu tenho de reino ou de objetos de prazer, que necessidade de sacrifícios ou de felicidade, quando tu, ó rei, tens sofrido grande aflição? Eu considero meu reino como uma doença, e eu mesmo também como afligido. Embora eu esteja mergulhado em tristeza, qual, no entanto, é a utilidade dessas palavras que eu estou te dirigindo? Tu és nosso pai, tu és nossa mãe; tu és o principal dos nossos superiores. Privados da sua presença, como nós viveremos? Ó melhor dos reis, que Yuyutsu, teu filho, seja feito rei, ou, de fato, mais alguém a que tu possas desejar. Eu irei para as florestas. Governe teu reino. Cabe a ti não queimar a mim que já estou queimado pela infâmia. Eu não sou o rei. Tu és o rei. Eu sou dependente da tua vontade. Como eu posso ousar conceder permissão para ti que és meu preceptor? Ó impecável, eu não nutro ressentimento em meu coração por causa dos males feitos a nós por Suyodhana. Estava ordenado que deveria ser assim. Nós mesmos e outros fomos entorpecidos (pelo Destino). Nós somos teus filhos como Duryodhana e outros eram. Minha convicção é que Gandhari é tanto minha mãe quanto Kunti. Se tu, ó rei de reis, fores para as florestas me deixando, eu te seguirei. Eu juro por minha alma. Esta Terra, com sua faixa de mares, cheia de riqueza, não será uma fonte de alegria para mim quando eu estiver privado da tua presença. Tudo isso pertence a ti. Eu te gratifico, inclinando minha cabeça. Nós somos todos dependentes de ti, ó rei de reis. Que a febre do teu coração seja dissipada. Eu penso, ó senhor da Terra, que tudo isso que veio sobre ti é devido ao destino. Por boa sorte, eu tinha pensado que te servindo e executando teus comandos obedientemente, eu poderia te livrar febre do teu coração.”

"Dhritarashtra disse, 'Ó encantador dos Kurus, minha mente está fixada, ó filho, em penitências. Ó poderoso, é apropriado para nossa linhagem que eu me retire para as florestas. Eu tenho vivido muito tempo sob tua proteção, ó filho, eu fui servido por muitos anos por ti com reverência. Eu agora estou velho. Cabe a ti, ó rei, me conceder permissão (para tomar minha residência nas florestas).”

“Vaisampayana continuou, ‘Tendo dito essas palavras para Yudhishtira o justo, o rei Dhritarashtra, o filho de Amvika, tremendo e com mãos unidas, disse para Sanjaya de grande alma e o grande guerreiro em carro Kripa, estas palavras, ‘Eu desejo rogar ao rei através de vocês. Minha mente fica triste, e minha boca fica seca, pela fraqueza da idade e o esforço de falar.’ Tendo dito isso, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, o velho rei de alma justa, abençoado com prosperidade, apoiou-se em Gandhari e de repente pareceu carente de vida. Vendo-o sentado dessa maneira como alguém privado de consciência, aquele matador de heróis hostis, isto é, o filho nobre de Kunti, foi tomado por uma aflição dolorosa.”

"Yudhishtira disse, 'Ai, ele cuja força era igual àquela de cem mil elefantes, ai, aquele rei hoje senta se apoiando em uma mulher. Ai! Ele por quem a imagem de

ferro de Bhima em uma ocasião antiga foi reduzida a fragmentos, hoje se apóia em uma mulher fraca. Que vergonha para mim que sou extremamente injusto! Que vergonha para a minha compreensão! Que vergonha para o meu conhecimento da escritura! Que vergonha para mim por quem este senhor da Terra hoje se encontra de um modo que não é adequado para ele! Eu também jejuarei assim como meu preceptor. Realmente, eu jejuarei se este rei e Gandhari de grande fama se abstiverem de alimento.”

“Vaisampayana continuou, ‘O rei Pandava, conhecedor de todo o dever, usando sua própria mão, então friccionou suavemente com água fria o peito e o rosto do monarca idoso. Ao toque da mão do rei que era auspiciosa e fragrante, e sobre a qual havia jóias e ervas medicinais, Dhritarashtra recuperou seus sentidos.” (Antigamente reis e homens nobres costumavam usar jóias e ervas medicinais em seus braços. As últimas eram fechadas em cápsulas de ouro semelhantes a um tambor, fechadas hermeticamente em ambos os lados. Acreditava-se que jóias e ervas medicinais eram uma grande proteção contra muitos males.)

“Dhritarashtra disse, ‘Toque-me novamente, ó filho de Pandu, com tua mão, e me abraçe. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, eu recuperei meus sentidos pelo toque auspicioso da tua mão. Ó soberano de homens, eu desejo cheirar tua cabeça. Teu abraço é altamente gratificante para mim. Esta é a oitava divisão do dia e, portanto, a hora de comer meu alimento. Por não ter comido meu alimento, ó filho da linhagem de Kuru, eu estou tão fraco quanto a estar incapaz de me mover. Ao dirigir minhas solicitações a ti foi grande o meu esforço. Tornado desanimado por isto, ó filho, eu desmaiei. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, eu acho que recebendo o toque da tua mão, o qual parece com o néctar em seus efeitos vivificantes, eu recuperei meus sentidos.”

“Vaisampayana disse, 'Assim endereçado, ó Bharata, pelo irmão mais velho de seu pai, o filho de Kunti, por afeição, tocou gentilmente cada parte do corpo dele. Recuperando seus ares vitais, o rei Dhritarashtra abraçou o filho de Pandu com seus braços e cheirou sua cabeça. Vidura e outros lamentaram alto em grande angústia. Por causa, no entanto, da agudeza de sua tristeza, eles não disseram nada ao velho rei nem ao filho de Pandu. Gandhari conhecedora de todo o dever suportou sua tristeza com firmeza, e oprimido como seu coração estava, ó rei, não disse nada. As outras senhoras, Kunti entre elas, ficaram imensamente aflitas. Elas lamentaram, derramando lágrimas copiosas, e se sentaram circundando o velho rei. Então Dhritarashtra, dirigindo-se novamente a Yudhishtira, disse estas palavras, ‘Ó rei, conceda-me permissão para praticar penitências. Por falar repetidamente, ó filho, minha mente fica enfraquecida. Não cabe a ti, ó filho, me afligir depois disso.’ Quando aquele principal da linhagem de Kuru estava dizendo isso para Yudhishtira, um som alto de lamento ergueu-se de todos os guerreiros lá presentes. Vendo seu pai real de grande esplendor emaciado e pálido, reduzido a tal estado impróprio para ele, esgotado com jejuns, e parecendo com um esqueleto coberto com pele, o filho de Dharma Yudhishtira derramou lágrimas de tristeza e falou novamente estas palavras, 'Ó principal dos homens, eu não desejo a vida e a Terra. Ó opressor de inimigos, eu me empenharei em fazer o que é agradável para ti. Se eu mereço tua generosidade, se eu sou querido para ti, coma

alguma coisa. Eu então saberei o que fazer.' Dotado de grande energia, Dhritarashtra então disse para Yudhishtira, 'Eu desejo, ó filho, comer algum alimento, com tua permissão.' Quando Dhritarashtra disse essas palavras para Yudhishtira, o filho de Satyawati, Vyasa, chegou lá e disse o seguinte."

4

"Vyasa disse, 'Ó Yudhishtira de braços poderosos, faça sem nenhum escrúpulo o que Dhritarashtra da linhagem de Kuru disse. Este rei é velho. E ele também foi feito sem filhos. Eu acho que ele não poderá suportar sua dor muito tempo. A altamente abençoada Gandhari, possuidora de grande sabedoria e dotada de fala agradável, suporta com fortaleza sua dor excessiva devido à perda de seus filhos. Eu também te digo (o que o velho rei disse). Obedeça às minhas palavras. Que o velho rei tenha tua permissão. Não o deixe ter uma morte inglória em casa. Deixe este rei seguir o caminho de todos os velhos sábios reais. Realmente, para todos os sábios reais, o retiro para as florestas chega finalmente.'"

"Vaisampayana disse, 'Endereçado dessa maneira naquele momento por Vyasa de feitos extraordinários, o rei Yudhishtira o justo, possuidor de energia imensa, disse àquele grande asceta estas palavras, 'Tua pessoa santa é considerada por nós com grande reverência. Somente tu és nosso preceptor. Somente tu és o refúgio do nosso reino como também da nossa linhagem. Eu sou teu filho. Tu, ó santo, és meu pai. Tu és nosso rei, e tu és nosso preceptor. O filho deve, de acordo com todo dever, ser obediente às ordens de seu pai.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei, Vyasa, aquele mais notável dos poetas, e a principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, dotado de grande energia mais uma vez disse para Yudhishtira estas palavras, 'É assim mesmo, ó poderoso. Isso é exatamente como tu disseste, ó Bharata. Este rei alcançou a velhice. Ele está agora na última fase da vida. Permitido por nós, que o senhor da Terra faça o que ele propõe. Não fique como um obstáculo em seu caminho. Este mesmo é o maior dever, ó Yudhishtira, dos sábios reais. Eles devem morrer em batalha ou nas florestas de acordo com as escrituras. Teu nobre pai, Pandu, ó rei de reis, reverenciava este velho rei como um discípulo reverencia seu preceptor. (Naquele tempo) ele adorava os deuses em muitos grandes sacrifícios com profusas doações consistindo em morros de riqueza e jóias, e governava a Terra e protegia seus súditos sabiamente e bem. Tendo obtido uma grande progênie e um reino em expansão, ele desfrutou de grande influência por treze anos enquanto vocês estavam no exílio, e doou muita riqueza. Tu também, ó chefe de homens, com teus empregados, ó impecável, adoraste este rei e a famosa Gandhari com aquela pronta obediência que um discípulo presta para seu preceptor. Conceda permissão para teu pai. Chegou a hora para ele se dedicar à prática de penitências. Ele não nutre, ó Yudhishtira, nem a mais leve raiva contra algum de vocês.'"

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito essas palavras, Vyasa acalmou o velho rei. Yudhishtira então respondeu para ele, dizendo, 'Assim seja.' O grande asceta então deixou o palácio para proceder para as florestas. Depois que o santo Vyasa tinha ido embora, o filho nobre de Pandu disse suavemente estas palavras para seu velho pai, curvando-se em humildade, 'O que o santo Vyasa disse, o que é teu próprio propósito, o que o grande arqueiro Kripa disse, o que Vidura expressou, e o que foi pedido por Yuyutsu e Sanjaya, eu realizarei com rapidez. Todos esses são dignos do meu respeito, pois todos eles são benquerentes da nossa família. Isto, no entanto, ó rei, eu peço de ti por inclinar minha cabeça. Coma primeiro e depois vá para teu retiro na floresta.'"

5

"Vaisampayana disse, 'Tendo recebido a permissão do rei, o rei Dhritarashtra de grande energia então procedeu para seu próprio palácio, seguido por Gandhari. Com força reduzida e movimento lento, aquele rei de grande inteligência caminhou com dificuldade, como o líder, desgastado com a idade, de uma manada de elefantes. Ele foi seguido por Vidura de grande erudição e seu cocheiro Sanjaya, como também aquele arqueiro poderoso Kripa, o filho de Saradwata. Entrando em sua mansão, ó rei, ele passou pelos ritos matinais e depois de gratificar muitos dos principais Brahmanas ele comeu algum alimento. Gandhari conhecedora de todo o dever, como também Kunti de grande inteligência, adoradas com ofertas de vários artigos por suas noras, então comeram algum alimento, ó Bharata. Depois que Dhritarashtra tinha comido, e Vidura também e outros tinham feito o mesmo, os Pandavas, tendo terminado suas refeições, aproximaram-se e sentaram-se em volta do velho rei. Então o filho de Amvika, ó monarca, dirigindo-se ao filho de Kunti que estava sentado perto dele e tocando suas costas com sua mão, disse, 'Tu deves sempre, ó encantador dos Kurus, agir sem negligência com relação a tudo ligado com teu reino consistindo em oito membros, ó principal dos soberanos, e no qual as reivindicações dos virtuosos devem ser sempre executadas em primeiro lugar. (Os oito membros de um reino são: a lei, o juiz, os assessores, o escriba, o astrólogo, ouro, fogo e água.) Tu és possuidor, ó filho de Kunti, de inteligência e erudição. Ouça-me, ó rei, enquanto eu te digo quais são os meios pelos quais, ó filho de Pandu, o reino pode ser protegido corretamente. Tu deves sempre, ó Yudhishtira, honrar aquelas pessoas que são velhas em saber. Tu deves sempre escutar o que eles disserem, e agir conformemente sem nenhum escrúpulo. Levantando-te ao amanhecer, ó rei, adore-os com os ritos devidos, e quando chegar o tempo para ação, tu deves consultá-los sobre tuas ações (tencionadas). Quando, levado pelo desejo de saber o que seria benéfico para ti a respeito das tuas medidas, tu os reverenciar; eles irão, ó filho, sempre declarar o que é para o teu bem, ó Bharata. Tu deves sempre manter teus sentidos como tu manténs teus cavalos. Eles então demonstrarão serem benéficos para ti, como riqueza que não é desperdiçada. Tu deves empregar somente os ministros que passaram nos testes de honestidade, (isto é, que são possuidores de lealdade, desinteresse, continência e coragem), que são oficiais de estado hereditários, possuidores de conduta pura, autocontrolados, inteligentes no desempenho de

negócios, e dotados de conduta honrada. Tu deves sempre coletar informação através de espiões em diversos disfarces, cuja lealdade tenha sido provada, que sejam nativos do teu reino, e que não sejam conhecidos por teus inimigos. Tua fortaleza deve ser protegida apropriadamente com muros fortes e portões arqueados. Em todo lado os muros, com torres de observação sobre eles situadas perto umas das outras, devem ser de tal modo que admitam seis pessoas andando lado a lado em seu topo. Os portões devem todos ser grandes e suficientemente fortes. Mantidos em lugares adequados aqueles portões devem ser protegidos cuidadosamente. Que teus propósitos sejam realizados através de homens cujas famílias e comportamento são bem conhecidos. Tu deves também sempre proteger a ti mesmo com cuidado, em questões ligadas com teu alimento, ó Bharata, como também nas horas de esporte e alimentação e em questões ligadas com as guirlandas que tu usas e os leitos sobre os quais tu deitas. As damas da tua família devem ser protegidas adequadamente, vigiadas por criados idosos e de confiança, de bom comportamento, bem nascidos, e possuidores de erudição, ó Yudhishthira. Tu deves fazer ministros de Brahmanas possuidores de conhecimento, dotados de humildade, bem nascidos, familiarizados com religião e riqueza, e adornados com simplicidade de comportamento. Tu deves manter consultas com eles. Tu não deves, no entanto, admitir muitas pessoas em tuas consultas. Em ocasiões específicas tu podes consultar com teu conselho inteiro ou com uma parte dele. Entrando em uma câmara ou local que seja bem protegido (de intrusos) tu deves manter tua consulta. Tu podes manter tua consulta em uma floresta que seja privada de capim. Tu nunca deves consultar à noite. (Capim pode esconder os espiões de inimigos. A escuridão da noite também pode fazer o mesmo.) Macacos e aves e outros animais que podem imitar seres humanos devem ser todos excluídos da câmara de conselho, como também idiotas e coxos e indivíduos paráliticos. Eu penso que os males que dimanam da divulgação dos conselhos de reis são tais que eles não podem ser remediados. Tu deves te referir repetidamente, no meio dos teus conselheiros, aos males que provêm da divulgação de conselhos, ó castigador de inimigos, e aos méritos que fluem daqueles conselhos guardados corretamente. Tu deves, ó Yudhishthira, agir de tal maneira quanto a averiguar os méritos e falhas dos habitantes da tua cidade e das províncias. Que tuas leis, ó rei, sejam sempre administradas por juízes confiáveis colocados a cargo disso, que devem também ser satisfeitos e de bom comportamento. Seus atos também devem ser averiguados por ti através de espiões. Que teus oficiais judiciais, ó Yudhishthira, inflijam punições, de acordo com a lei, sobre transgressores depois de averiguação cuidadosa da gravidade dos delitos. Aqueles que são dispostos a aceitarem subornos, aqueles que são violadores da castidade de esposas de outros homens, aqueles que infligem castigos pesados (tiranos), aqueles que são proferidores de palavras falsas, aqueles que são difamadores, aqueles que são maculados pela cobiça, aqueles que são assassinos, aqueles que são fazedores de atos irrefletidos (tais como homicídio culpável não equivalente ao assassinato), aqueles que são perturbadores de assembleias e dos divertimentos de outros, e aqueles que causam uma confusão de castas, devem, de acordo com considerações de hora e lugar, ser punidos com multas ou morte. De manhã tu deves ver aqueles que estão empenhados em fazer tuas despesas. Depois disso tu deves cuidar do teu

vestuário e então da tua alimentação. Tu deves em seguida supervisionar tuas tropas, alegrando-as em toda ocasião. Tuas noites devem ser reservadas para enviados e espiões. O último fim da noite deve ser dedicado por ti para decidir quais atos devem ser feitos por ti no dia. Meias-noites e meios-dias devem ser dedicados às tuas diversões e esportes. Todo o tempo, no entanto, tu deves pensar nos meios de realizar teus propósitos. No momento apropriado, enfeitando teu corpo, tu deves sentar preparado para fazer doações em profusão. As ocasiões para diferentes ações, ó filho, giram incessantemente como rodas. Tu deves sempre te esforçar para encher tuas tesourarias de vários tipos por meios legais. Tu deves evitar todos os meios ilegais para aquele fim. Averiguando através dos teus espiões quem são teus inimigos que estão determinados a descobrirem teus pontos fracos, tu deves, através de agentes de confiança, os fazer serem destruídos de uma distância. Examinando sua conduta, tu deves, ó perpetuador da linhagem de Kuru, nomear teus empregados. Tu deves fazer todos os teus atos serem realizados através dos teus servidores, estejam eles nomeados para aquelas ações ou não. O comandante das tuas tropas deve ser de conduta firme, corajoso, capaz de suportar privações, leal, e dedicado ao teu bem. Artesãos e mecânicos, ó filho de Pandu, residentes em tuas províncias, devem sempre fazer teus atos como vacas e burros; (isto é, contentes em trabalhar para receberem somente seu alimento. Seus salários não devem ser maiores do que o que é necessário para alimentá-los). Tu deves sempre, ó Yudhishtira, ser cuidadoso ao verificar teus próprios pontos fracos como também aqueles dos teus inimigos. Os pontos fracos também dos teus próprios homens como também dos homens dos teus inimigos devem ser igualmente averiguados. Aqueles homens do teu reino que são bem hábeis em suas respectivas vocações, e que são dedicados ao teu bem, devem ser favorecidos por ti com meios de sustento adequados. Um rei sábio, ó soberano de homens, deve sempre cuidar para que as habilidades de seus súditos habilidosos possam ser mantidas. Eles então serão firmemente devotados a ti, visto que eles não decairão de sua habilidade.”

6

“Dhritarashtra disse, Tu deves sempre averiguar os Mandalas que pertencem a ti, aos teus inimigos, aos neutros, e àqueles que estão dispostos igualmente em direção a ti e teus inimigos, ó Bharata. Os Mandalas também dos quatro tipos de inimigos, daqueles chamados Atatayins, e dos aliados, e dos aliados de inimigos, devem ser distinguidos por ti, ó opressor de inimigos. (Os quatro tipos de inimigos, como explicados pelo comentador, são (1) inimigos próprios, (2) aliados de inimigos, (3) aqueles que desejam vitória para ambos os lados, e (4) aqueles que desejam derrota para ambos os lados. Com relação aos Atatayins, eles são seis, isto é, (1) aquele que põe fogo na casa de alguém, (2) aquele que mistura veneno com a comida de alguém, (3) aquele que avança, arma na mão, com intenção hostil, (4) aquele que rouba a riqueza de alguém, (5) aquele que invade os campos de alguém, e (6) aquele que rouba a esposa de alguém.) Os ministros de estado, o povo das províncias, as guarnições de fortes, e as forças armadas, ó principal da linhagem de Kuru, podem ser ou não manipulados. (Tu deves,

portanto, te comportar de tal maneira que estes não possam ser manipulados por teus inimigos.) Os doze (enumerados acima), ó filho de Kunti, constituem os principais interesses dos reis. Estes doze, como também sessenta, tendo os Ministros como seus principais, devem ser cuidados pelo rei. (Os sessenta são compostos dessa maneira. Oito consistindo de agricultura e o restante, vinte e oito consistindo de tropas e o restante, catorze consistindo de ateus e o resto e dezoito consistindo de conselheiros e o resto.) Professores conhecedores da ciência de política chamam esses pelos nomes de Mandala. Compreenda, ó Yudhishtira, que os seis incidentes (de paz, guerra, marcha, parada, sementeira de discórdias, e conciliação) dependem desses. Crescimento e diminuição devem também ser compreendidos, como também a condição estacionária. Os atributos dos seis incidentes, ó tu de armas poderosas, como dependentes dos setenta e dois (já enumerados), devem também ser compreendidos cuidadosamente. Quando o seu próprio lado se torna forte e o lado do seu inimigo se torna fraco, é então, ó filho de Kunti, que o rei deve guerrear contra o inimigo e se esforçar para obter vitória. Quando o inimigo é forte e o seu próprio lado está fraco, então o rei fraco, se possuidor de inteligência, deve procurar fazer as pazes com o inimigo. O rei deve reunir um grande estoque de artigos (para seu abastecimento de gêneros alimentícios). Quando capaz de marchar, em hipótese alguma ele deve procrastinar, ó Bharata. Além disso, ele deve naquela ocasião colocar seus homens em trabalhos para os quais eles são aptos, sem ser movido por alguma outra consideração. (Quando obrigado a ceder uma parte de seus territórios) ele deve dar para seu inimigo somente tal terra que não produz colheitas em abundância. (Quando obrigado a dar riqueza), ele deve dar ouro contendo muita matéria prima metálica. (Quando obrigado a dar uma parte de seus exércitos), ele deve dar homens que não são notáveis por força. Alguém que é hábil em tratados deve, quando recebendo terra ou ouro ou homens do inimigo, pegar os que possuam os atributos contrários desses. (Isto é, terra fértil, ouro puro e homens fortes.) Ao fazer tratados de paz, o filho do rei (derrotado), deve ser exigido como refém, ó chefe dos Bharatas. Uma conduta contrária não seria benéfica, ó filho. Se uma calamidade vem sobre o rei, ele deve, com conhecimento dos meios e conselhos, se esforçar para se emancipar dela. O rei, ó principal dos monarcas, deve sustentar os tristes e os indigentes (tais como os cegos, os surdos e estúpidos, e os doentes) entre seu povo. Ele mesmo protegendo seu próprio reino, o rei, possuidor de grande poder, deve dirigir todos os seus esforços, um depois do outro ou simultaneamente, contra seus inimigos. Ele deve afligi-los e obstruí-los e procurar drenar sua tesouraria. O rei que deseja seu próprio crescimento nunca deve ofender os comandantes subordinados que estão sob seu domínio. Ó filho de Kunti, tu nunca debes procurar guerrear com aquele rei que deseja conquistar a Terra inteira. Tu debes procurar ganhar vantagens por produzir, com a ajuda dos teus ministros, dissensões entre sua aristocracia e seus comandantes subordinados. Um rei poderoso nunca deve procurar exterminar reis fracos, pois estes fazem bem para o mundo por cuidarem dos bons e punirem os maus. Ó principal dos reis, tu debes viver, adotando o comportamento do junco. (O junco cede quando a pressão é dirigida em direção a ele. No Santi Parva se encontra uma conversa detalhada entre o Oceano e os Rios. O Oceano perguntou por que, quando os Rios arrastavam as maiores árvores, eles não podiam arrastar para o

Oceano um único junco. A resposta era que o junco era flexível, as árvores não eram assim.) Se um rei forte avança contra um fraco, o último deve fazê-lo desistir, por adotar conciliação e outros modos. Se incapaz de parar o invasor dessa maneira, então ele, como também aqueles que estão dispostos a lhe fazer bem, devem cair sobre o inimigo para lutarem com ele. De fato, com seus ministros e tesouraria e cidadãos, ele deve dessa maneira adotar a força contra o invasor. Se lutar com o inimigo se torna impossível, então ele deve cair, sacrificando seus recursos um depois do outro. Rejeitando sua vida dessa maneira, ele obterá libertação de toda tristeza.”

7

"Dhritarashtra disse, 'Ó melhor dos reis, tu deves também refletir corretamente sobre guerra e paz. Cada um é de dois tipos. (Isto é, guerra com um inimigo forte e com um inimigo fraco. Paz com um inimigo forte e com um inimigo fraco.) Os meios são vários, e as circunstâncias também, sob as quais guerra ou paz podem ser feitas, ó Yudhishtira. Ó tu da linhagem de Kuru, tu deves, com frieza, refletir sobre os dois (isto é, tua força e fraqueza) com relação a ti mesmo. Tu não deves marchar de repente contra um inimigo que é possuidor de soldados contentes e saudáveis, e que é dotado de inteligência. Por outro lado, tu deves pensar cuidadosamente nos meios de derrotá-lo. Tu deves marchar contra um inimigo que não é provido de combatentes saudáveis e contentes. Quando tudo é favorável, o inimigo pode ser batido. Depois disso, no entanto, o vencedor deve se retirar (e permanecer em uma posição forte). Ele deve em seguida fazer o inimigo ser mergulhado em várias calamidades, e semear dissensões entre seus aliados. Ele deve afligir o inimigo e inspirar terror em seu coração, e atacando-o enfraquecer suas tropas. O rei, conhecedor das escrituras, que marcha contra um inimigo deve pensar nos três tipos de força, e, de fato, refletir sobre sua própria força e de seu inimigo. (Força é de três tipos, como explicado no verso seguinte.) Somente aquele rei, ó Bharata, que é dotado de diligência (ou prontidão das tropas para atacar o inimigo), disciplina (isto é, domínio completo sobre suas tropas), e força de conselhos (ou seja, planos de ataque e defesa bem formados), deve marchar contra um inimigo. Quando sua posição é diferente, ele deve evitar operações defensivas. O rei deve se equipar com poder de riqueza, poder de aliados, poder de silvícolas, poder de tropas remuneradas, e poder das classes mecânicas e comerciantes, ó pujante. (Maulam é explicado como a força do dinheiro. Em guerra atual também, dinheiro é chamado de 'fundos para armas e suprimentos de uma guerra'. Atavivala ou a força consistindo em silvícolas era, talvez, o corpo de Irregulares que auxiliava um exército regular de combatentes. Bhritavala significa o exército regular, recebendo pagamento do estado sempre. Na Índia, exércitos permanentes têm existido desde tempos remotos. Sreni-vala é, talvez, as tropas de artesãos, mecânicos, e engenheiros, que cuidavam das estradas e do transporte, como também de comerciantes que abasteciam o exército com mantimentos.) Entre todos esses, poder de aliados e poder de riqueza são superiores ao resto. O poder das classes e aquele do exército regular são iguais. O poder de espiões é considerado pelo rei como igual em eficácia a

qualquer um dos citados acima, em muitas ocasiões, quando chega o momento de aplicar cada um. Calamidade, ó rei, quando ela surpreende soberanos, deve ser considerada como de muitas formas. Escute, ó tu da linhagem de Kuru, quanto a quais são aquelas diversas formas. Realmente calamidades são de vários tipos, ó filho de Pandu. Tu deves sempre considerá-las, distinguindo suas formas, ó rei, e te esforçar para encontrá-las por aplicar os meios bem conhecidos de conciliação e o resto (sem ocultá-las por inatividade). O rei deve, quando equipado com um bom exército, marchar (contra um inimigo), ó opressor de inimigos. Ele deve prestar atenção também às considerações de tempo e lugar, enquanto se preparando para marchar, como também às forças armadas que ele reuniu e seus próprios méritos (em outros aspectos). Aquele rei que está atento ao seu próprio crescimento e avanço não marcha a menos que provido de guerreiros alegres e saudáveis. Quando forte, ó filho de Pandu, ele pode marchar até em uma época desfavorável. O rei deve fazer um rio tendo aljavas como suas pedras, corcéis e carros como sua corrente, e estandartes como as árvores que cobrem suas margens, e o qual é lodoso com soldados de infantaria e elefantes. Tal rio o rei deve aplicar para a destruição de seu inimigo. De acordo com a ciência conhecida para Usanas, ordens de batalha chamadas Sakata, Padma, e Vijra devem ser formadas, ó Bharata, para lutar com o inimigo. (Uma ordem de batalha sakata era uma formação militar conforme a forma de um carro. Ela é descrita em Sukraniti detalhadamente, e se encontra no Drona Parva. A Padma é uma formação de combate circular com projeções angulares. Ela é a mesma que é agora chamada de estrelada, muitos fortes modernos sendo construídos conforme este plano. A Vajra é uma ordem de batalha semelhante à cunha. Ela penetra nas divisões do inimigo como uma cunha e sai, desbaratando o inimigo. Ela também é chamada de suchivyuha.) Sabendo tudo sobre a força do inimigo através de espíões, e examinando sua própria força o rei deve começar a guerra dentro de seus próprios territórios ou dentro daqueles de seu inimigo. (Isto é, se opor ao inimigo dentro do seu próprio reino ou invadir o reino do inimigo e dessa maneira obrigá-lo a recuar para resistir a ele lá.) O rei deve sempre gratificar seu exército, e lançar todos os seus guerreiros mais fortes (contra o inimigo). Primeiro averiguando o estado de seu reino, ele deve aplicar conciliação ou os outros meios bem conhecidos. Por todos os meios, ó rei, o corpo deve ser protegido. Alguém deve fazer aquilo que é altamente benéfico para si aqui e após a morte. O rei, ó monarca, por se comportar devidamente em conformidade com esses métodos, alcança o Céu futuramente, depois de governar seus súditos justamente neste mundo. Ó principal da linhagem de Kuru, é exatamente dessa maneira que tu deves sempre procurar o bem dos teus súditos para obter ambos os mundos; (isto é, para obter fama aqui e felicidade após a morte). Tu foste instruído em todos os deveres por Bhishma, por Krishna, e por Vidura, eu devo também, ó melhor dos reis, pela afeição que eu tenho por ti, te dar essas instruções. Ó dador de presentes abundantes em sacrifícios, tu deves fazer tudo isso devidamente. Tu, por te comportares dessa maneira, te tornarás querido para teus súditos e obterás felicidade no Céu. Aquele rei que adora as divindades em cem Sacrifícios de Cavalos, e aquele que governa seus súditos justamente, adquirem mérito que é igual.”

8

“Yudhishtira disse, ‘Ó senhor da Terra, eu farei como tu me ordenaste. Ó principal dos reis, eu devo ser mais instruído por ti. Bhishma ascendeu para o Céu. O matador de Madhu partiu (para Dwaraka). Vidura e Sanjaya também te acompanharão para a floresta. Quem mais, portanto, além de ti, me ensinará? Aquelas instruções que tu me deste hoje, desejoso de fazer bem para mim, eu certamente seguirei, ó senhor da Terra. Esteja certo disso, ó rei.’”

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei Yudhishtira o justo, de grande inteligência, o sábio nobre, Dhritarashtra, o chefe dos Bharatas, desejou obter a permissão do rei (acerca de sua retirada para a floresta). E ele disse, 'Pare, ó filho, grande tem sido meu trabalho.' Tendo dito essas palavras, o velho rei entrou nos apartamentos de Gandhari. Para aquele seu marido que parecia com um segundo Senhor de todas as criaturas, enquanto descansando em um assento, Gandhari de conduta virtuosa, familiarizada com a oportunidade de tudo, disse estas palavras, a hora sendo apropriada para elas, 'Tu obtiveste a permissão daquele grande Rishi, isto é, do próprio Vyasa. Quando, no entanto, tu irás para a floresta, com a permissão de Yudhishtira?'"

"Dhritarashtra disse, 'Ó Gandhari, eu recebi a permissão do meu pai de grande alma. Com a permissão de Yudhishtira (obtida em seguida), eu logo me retirarei para as florestas. Eu desejo, no entanto, doar alguma riqueza capaz de seguir a condição de Preta, em relação a todos aqueles meus filhos que eram viciados nos dados calamitosos. Realmente, eu desejo fazer aquelas doações, convidando todo o povo para a minha mansão.'" (Aqueles que morrem se tornam a princípio o que é chamado de Preta. Eles permanecem assim por um ano, até que o Sapindikarana Sraddha é realizado. Eles então vêm a ser unidos com os Pitris. As doações feitas no primeiro Sraddha como também nos mensais têm a virtude de resgatar o Preta ou de levar a ele uma acessão de mérito. As doações em Sraddhas anuais também têm a mesma eficácia.)

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso (para Gandhari), Dhritarashtra enviou mensagem para Yudhishtira. O último, por ordem de seu tio, trouxe todos os artigos necessários. Muitos Brahmanas residentes em Kuru-jangala, e muitos Kshatriyas, muitos Vaisyas, e muitos Sudras também, vieram para a mansão de Dhritarashtra, com corações satisfeitos. O velho rei, saindo dos aposentos internos, viu todos eles, como também seus súditos reunidos. Contemplando todos aqueles cidadãos e habitantes das províncias reunidos, e seus benquerentes também reunidos juntos dessa maneira, e o grande número de Brahmanas chegados de diversos reinos, o rei Dhritarashtra de grande inteligência, ó monarca, disse estas palavras, 'Vocês todos e os Kurus têm vivido juntos por muitos longos anos, benquerentes uns dos outros, e cada um empenhado em fazer bem para o outro. O que eu direi agora, em vista da oportunidade que chegou, deve ser realizado por vocês todos assim como discípulos executam as ordens de seus preceptores. Eu coloquei meu coração em me retirar para as florestas, junto com Gandhari como minha companheira. Vyasa

aprovou isso, como também o filho de Kunti. Deixem-me ter sua permissão também. Não hesitem nisso. Esta boa vontade, que sempre existiu entre vocês e nós, não é vista, eu acredito, em outros reinos entre os governantes e os governados. Eu estou exausto com esta carga de anos sobre a minha cabeça. Eu estou desprovido de filhos. Ó impecáveis, eu estou emaciado com jejuns, junto com Gandhari. O reino tendo passado para Yudhishtira, eu tenho desfrutado de grande felicidade. Ó principais dos homens, eu penso que essa felicidade tem sido maior do que a que eu podia esperar da soberania de Duryodhana. Que outro refúgio eu posso ter, velho como eu estou e desprovido de filhos, exceto as florestas? Ó altamente abençoados, cabe a vocês me concederem a permissão que eu procuro.' Ouvindo essas palavras dele, todos aqueles residentes de Kurujangala proferiram lamentações altas, ó melhor dos Bharatas, com vozes sufocadas com lágrimas. Desejoso de dizer algo mais para aquelas pessoas muito aflitas, Dhritarashtra de grande energia dirigiu-se novamente a elas e disse o seguinte."

9

"Dhritarashtra disse, 'Santanu governou adequadamente esta Terra. Similarmente, Vichitravirya também, protegido por Bhishma, governou vocês. Sem dúvida, tudo isso é conhecido por vocês. É também sabido por vocês como Pandu, meu irmão, era querido para mim como também para vocês. Ele também os governou devidamente. Ó impecáveis, eu também tenho servido vocês. Se aqueles serviços corresponderam às suas necessidades ou foram insuficientes, cabe a vocês me perdoarem, pois eu tenho me encarregado dos meus deveres sem negligência. Duryodhana também desfrutou deste reino sem um tormento do seu lado. Tolo como ele era e dotado de má compreensão, ele, no entanto, não fez nenhum mal a vocês. Pelo erro, no entanto, daquele príncipe de má compreensão, e por causa de seu orgulho, como também pela minha própria impolítica, ocorreu uma grande carnificina de pessoas da classe real. Se eu, naquela questão, agi corretamente ou erradamente, eu rogo a vocês com mãos unidas para dissiparem toda a lembrança disso de seus corações. 'Ele está velho; ele perdeu todos os seus filhos; ele sofre de angústia; ele foi nosso rei, ele é um descendente de reis antigos;' considerações como essas devem levar vocês a me perdoarem. Esta Gandhari também está triste e idosa. Ela também perdeu seus filhos e está desamparada. Afligida pela dor por causa da perda de seus filhos, ela apela a vocês comigo. Sabendo que nós dois somos velhos e aflitos e desprovidos de filhos, nos concedam a permissão que nós buscamos. Abençoados sejam vocês, nós procuramos sua proteção. Este rei Kuru, Yudhishtira, o filho de Kunti, deve ser cuidado por vocês todos, na prosperidade assim como na adversidade. Ele nunca cairá em infortúnio, ele que tem como seus conselheiros quatro irmãos de destreza abundante. Todos eles são conhecedores da virtude e riqueza, e parecem com os próprios guardiões do mundo. Como o próprio Brahman ilustre, o Senhor do universo de criaturas, este Yudhishtira de energia imensa governará vocês. Aquilo que deve certamente ser dito é dito agora por mim. Eu transiro para vocês este Yudhishtira aqui como um depósito. Eu faço de vocês também um

depósito nas mãos deste herói. Cabe a vocês todos esquecerem e perdoarem qualquer ofensa que tenha sido feita a vocês por aqueles meus filhos que não estão mais vivos, ou, de fato, por qualquer outro pertencente a mim. Vocês nunca nutriram nenhuma raiva contra mim em alguma ocasião anterior. Eu uno minhas mãos diante de vocês que são distinguidos por lealdade. Aqui, eu me curvo a vocês todos. Ó impecáveis, eu, com Gandhari ao meu lado, peço seu perdão agora por qualquer coisa feita a vocês por aqueles meus filhos, de mentes agitadas, maculados pela cobiça, e sempre agindo como seus desejos induziam.' Assim endereçados pelo velho monarca, todos aqueles cidadãos e habitantes das províncias, cheios de lágrimas, não disseram nada, mas somente olharam uns para os outros.'"

10

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçados, ó tu da linhagem de Kuru, pelo rei idoso, os cidadãos e os habitantes das províncias permaneceram algum tempo como homens privados de consciência. O rei Dhritarashtra, achando-os silenciosos, com suas gargantas sufocadas pelo pesar, mais uma vez se dirigiu a eles, dizendo, 'Ó melhores dos homens, velho como eu estou, sem filhos, e dando vazão, por tristeza de coração, a diversas lamentações junto com esta minha esposa, eu obtive a permissão, na questão da minha retirada para a floresta, do meu pai, o próprio Krishna Nascido na Ilha, como também do rei Yudhishtira, que está familiarizado com todo o dever, ó habitantes virtuosos deste reino. Ó impecáveis, eu, com Gandhari, apelamos a vocês repetidamente com cabeças inclinadas. Cabe a vocês todos nos concederem permissão.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras lastimáveis do rei Kuru, ó monarca, todos os habitantes reunidos de Kurujangala começaram a chorar. Cobrindo seus rostos com suas mãos e peças de roupa superiores, todos aqueles homens queimando de angústia, choraram por um tempo como pais e mães chorariam (na probabilidade de um filho querido estar prestes a deixá-los para sempre). Levando em seus corações, dos quais todo outro pensamento tinha sido dissipado, a tristeza nascida do desejo de Dhritarashtra de deixar o mundo, eles pareciam com homens privados de toda consciência. Controlando aquela agitação de coração devido ao anúncio do desejo de Dhritarashtra de ir para a floresta, eles gradualmente puderam se dirigir uns aos outros, expressando seus desejos. Colocando suas palavras em resumo, ó rei, eles encarregaram certo Brahmana com a tarefa de responder para o velho monarca. Aquele Brahmana erudito, de bom comportamento, escolhido por consentimento unânime, familiarizado com todos os tópicos, mestre de todos os Richs, e chamado Samba, se esforçou para falar. Recebendo a permissão da assembléia inteira e com sua total aprovação, aquele Brahmana erudito, consciente de suas próprias habilidades, disse estas palavras para o rei, 'Ó monarca, a resposta dessa assembléia foi entregue ao meu cuidado. Eu a anunciarei, ó herói. Receba-a, ó rei. O que tu disseste, ó rei de reis, é tudo verdade, ó pujante. Não há nada nisso que seja mesmo levemente falso. Tu és nosso benquerente, como, de fato, nós somos teus. Na verdade, nesta

linhagem de reis, nunca houve um rei que vindo a governar seus súditos se tornou impopular com eles. Vocês têm nos governado como pais ou irmãos. O rei Duryodhana nunca nos fez nenhum mal. Faça, ó rei, aquilo que aquele asceta de grande alma, o filho de Satyavati, disse. Ele é, realmente, o principal dos nossos instrutores. Deixados por ti, ó monarca, nós passaremos nossos dias em aflição e tristeza, cheios da lembrança de tuas centenas de virtudes. Nós fomos bem governados e protegidos pelo rei Duryodhana assim como nós fomos governados pelo rei Santanu, ou por Chitrangada, ou por teu pai, ó monarca, que era protegido pela destreza de Bhishma, ou por Pandu, aquele soberano da Terra, que era supervisionado por ti em todos os seus atos. Teu filho, ó monarca, nunca nos fez o menor mal. Nós vivemos, confiando naquele rei tão confiantemente como em nosso próprio pai. É sabido por ti como nós vivemos (sob aquele soberano). Do mesmo modo, nós temos desfrutado de grande felicidade, ó monarca, por milhares de anos, sob o governo do filho de Kunti de grande inteligência e sabedoria. (Esse texto onde se menciona milhares de anos como abarcando o governo de Yudhishtira é evidentemente viciado.) Este rei de alma justa realiza sacrifícios com doações em profusão, segue a conduta dos sábios reais de antigamente, pertencentes à tua linhagem, de atos meritórios, tendo Kuru e Samvara e outros e Bharata de grande inteligência entre eles. Não há nada, ó monarca, que seja nem levemente criticável na questão do governo de Yudhishtira. Protegidos e governados por ti, nós todos temos vivido em grande felicidade. O mais leve demérito é incapaz de ser alegado contra ti e teu filho. Considerando o que tu disseste sobre Duryodhana na questão daquela carnificina de parentes, eu rogo a ti, ó alegrador dos Kurus (para me escutar).”

"O Brahmana continuou, 'A destruição que alcançou os Kurus não foi ocasionada por Duryodhana. Ela não foi ocasionada por ti. Nem ela foi ocasionada por Karna ou pelo filho de Suvala. Nós sabemos que ela foi ocasionada pelo destino, e que ela não podia ser neutralizada. Realmente, o destino não pode ser resistido pelo esforço humano. Dezoito Akshauhinis de tropas, ó monarca, foram reunidos. Em dezoito dias aquela hoste foi destruída pelos principais dos guerreiros Kuru, isto é, Bhishma e Drona e Kripa e outros, e Karna de grande alma, e o heróico Yuyudhana, e Dhrishtadyumna, e pelos quatro filhos de Pandu, isto é, Bhima e Arjuna e gêmeos. Aquela (tremenda) carnificina, ó rei, não poderia acontecer sem a influência do destino. Sem dúvida, por Kshatriyas em particular, inimigos devem ser mortos e a morte encontrada em combate. Por aqueles principais dos homens, dotados de ciência e força de armas, a Terra foi exterminada com seus corcéis e carros e elefantes. Teu filho não foi a causa daquela carnificina de reis de grande alma. Tu não foste a causa, nem teus empregados, nem Karna, nem o filho de Suvala. A destruição daqueles principais da linhagem de Kuru e de reis aos milhares, saiba, foi ocasionada pelo destino. Quem pode dizer qualquer coisa a mais nisto? Tu és considerado como o Guru e o mestre do mundo inteiro. Nós, portanto, na tua presença, absolvemos teu filho de alma honrada. Que aquele rei, com todos os seus associados, obtenha as regiões reservadas para heróis. Permitido pelos principais dos Brahmanas, que ele se divirta com felicidade no céu. Tu também obterás grande mérito, e firmeza inabalável em virtude. Ó tu de votos excelentes, siga inteiramente os deveres

indicados nos Vedas. Não há necessidade de ti ou de nós cuidarmos dos Pandavas. Eles são capazes de governar os próprios Céus, o que então precisa ser dito da Terra? Ó tu de grande inteligência, em prosperidade como em adversidade, os súditos deste reino, ó principal da linhagem de Kuru, serão obedientes aos Pandavas que têm conduta como seu ornamento. O filho de Pandu faz aquelas doações valiosas que sempre devem ser feitas para as principais das pessoas regeneradas em sacrifícios e em ritos funerais, seguindo o costume de todos os grandes reis da antiguidade. O filho generoso de Kunti é brando e autocontrolado, e está sempre disposto a gastar como se ele fosse um segundo Vaisravana. Ele tem grandes ministros que estão a serviço dele. Ele é compassivo até para seus inimigos. De fato, aquele mais notável da linhagem de Bharata é de conduta pura. Dotado de grande inteligência, ele é perfeitamente honesto em suas transações e regras e nos protege como um pai protegendo seus filhos. Por causa da associação com ele que é o filho de Dharma, ó sábio nobre, Bhima e Arjuna e os outros nunca nos farão o menor mal. Eles são compassivos, ó tu da linhagem de Kuru, para com aqueles que são compassivos, e ferozes como cobras de veneno virulento para aqueles que são violentos. Possuidores de grande energia, aqueles de grande alma estão sempre dedicados ao bem do povo. Nem Kunti, nem tua (nora) Panchali, nem Ulupi, nem a princesa da tribo Sattwata, farão o menor mal para estas pessoas. A afeição que tu tens mostrado em direção a nós e a qual em Yudhishtira é vista existir em uma medida ainda maior não pode ser esquecida pelo povo da cidade e das províncias. Aqueles grandes guerreiros em carros, isto é, os filhos de Kunti, eles mesmos dedicados aos deveres de justiça, protegerão e cuidarão das pessoas mesmo se acontecer de elas serem injustas. Portanto, ó rei, dissipando toda a ansiedade do teu coração por causa de Yudhishtira, te dirija à realização de todos os atos meritórios, ó principal dos homens.”

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras, repletas de virtude e mérito, daquele Brahmana, e as aprovando, todas as pessoas naquela assembléia disseram, 'Excelente! Excelente!' e as aceitaram como as suas próprias. Dhritarashtra também, aplaudindo repetidamente aquelas palavras, despediu lentamente aquela assembléia de seus súditos. Honrado dessa maneira por eles e olhado com olhares auspiciosos, o velho rei, ó chefe da linhagem de Bharata, uniu suas mãos e honrou todos eles em retorno. Ele então entrou em sua própria mansão com Gandhari. Escute agora o que ele fez depois que aquela noite tinha passado.”

11

"Vaisampayana disse, 'Depois que aquela noite tinha passado, Dhritarashtra, o filho de Amvika, despachou Vidura para a mansão de Yudhishtira. Dotado de grande energia e a principal de todas as pessoas possuidoras de inteligência, Vidura, tendo chegado à mansão de Yudhishtira, dirigiu-se àquele principal dentre os homens, aquele rei de glória imorredoura, nestas palavras, 'O rei Dhritarashtra passou pelos ritos preliminares para realizar seu propósito de se

retirar para as florestas. Ele partirá para as florestas, ó rei, no próximo dia da lua cheia do mês de Kartika. Ele agora solicita de ti, ó principal da linhagem de Kuru, alguma riqueza. Ele deseja realizar o Sradha do filho de grande alma de Ganga, como também de Drona e Somadatta e Valhika de grande inteligência, e de todos os seus filhos como também de todos os seus benquerentes que foram mortos, e, se tu permitires isto, daquele indivíduo de alma pecaminosa, isto é, o soberano dos Sindhus.' (É difícil imaginar por que somente o soberano dos Sindhus, Jayadratha, deve ser considerado como um malfeitor para os Pandavas. A respeito da morte de Abhimanyu ele representou uma parte muito menor, por somente proteger a entrada da ordem de batalha contra os guerreiros Pandava. É verdade que ele tentou raptar Draupadi do retiro da floresta dos Pandavas, mas mesmo nisso, o mal não foi tão grande quanto aquele que Duryodhana e outros infligiram sobre os Pandavas por arrastarem Draupadi para a corte dos Kurus.) Ouvindo as palavras de Vidura, Yudhishtira, e o filho de Pandu Arjuna de cabelo encaracolado, ficaram muito contentes e as elogiaram grandemente. Bhima, no entanto, de grande energia e ira implacável, não aceitou aquelas palavras de Vidura com boa disposição, se lembrando das ações de Duryodhana. O enfeitado com diadema Phalguna, compreendendo os pensamentos de Bhimasena, inclinando seu rosto ligeiramente para baixo, dirigiu-se àquele principal dos homens nestas palavras, 'Ó Bhima, nosso nobre pai que é de idade avançada resolveu se retirar para as florestas. Ele deseja fazer doações para aumentar a felicidade de seus parentes e benquerentes mortos agora no outro mundo. Ó tu da linhagem de Kuru, ele deseja doar riqueza que pertence a ti por conquista. De fato, ó poderosamente armado, é por Bhishma e outros que o velho rei está desejoso de fazer aquelas doações. Cabe a ti conceder tua permissão. Por boa sorte é que, ó tu de braços poderosos, Dhritarashtra hoje pede riqueza de nós, ele que era antigamente pedido por nós. Veja o reverso ocasionado pelo Tempo. Aquele rei que era antes o senhor e protetor da Terra inteira agora deseja ir para as florestas, seus parentes e associados todos mortos por inimigos. Ó chefe de homens, não deixe tua visão se desviar de conceder a permissão pedida. Ó poderosamente armado, a recusa, além de trazer infâmia, será produtiva de demérito. Aprenda teu dever nessa questão do rei, teu irmão mais velho, que é o senhor de tudo. Cabe a ti dar em vez de recusar, ó chefe da linhagem de Bharata.' Vibhatsu que estava dizendo isso foi aplaudido pelo rei Yudhishtira, o justo. Cedendo à cólera, Bhimasena disse estas palavras, 'Ó Phalguna, somos nós que faremos doações na questão dos funerais de Bhishma, como também do rei Somadatta e de Bhurisravas, do sábio real Valhika, e de Drona de grande alma, e de todos os outros. Nossa mãe Kunti fará tais oferendas funerais por Karna. Ó principal dos homens, não deixe Dhritarashtra realizar aqueles Sradhas. Isso mesmo é o que eu penso. Que nossos inimigos não sejam alegrados. Deixe Duryodhana e outros caírem de uma posição miserável para uma mais miserável ainda. Ai, foram aqueles desgraçados de sua raça que fizeram a Terra inteira ser exterminada. Como tu podes esquecer aquela ansiedade de doze longos anos, e a nossa residência incógnita que foi tão dolorosa para Draupadi? Onde estava a afeição de Dhritarashtra por nós então? Vestido em uma camurça preta e privado de todos os teus ornamentos, com a princesa de Panchala em tua companhia, tu não seguiste este rei? Onde estavam Bhishma e Drona então, e onde estava

Somadatta? Tu tivesses que viver por treze anos nas florestas, te sustentando dos produtos da selva. Teu pai mais velho então não olhou para ti com olhos de afeição paterna. Tu esqueceste, ó Partha, que foi aquele patife da nossa linhagem, de má compreensão, que perguntou a Vidura, quando a partida de dados estava ocorrendo, 'O que foi ganho?' Ouvindo até aqui, o rei Yudhishtira, o filho de Kunti, dotado de grande inteligência, o repreendeu e disse para ele ficar silencioso."

12

"Arjuna disse, 'Ó Bhima, tu és meu irmão mais velho e, portanto, meu superior e preceptor. Eu não ousa dizer qualquer coisa a mais do que eu já disse. O sábio real Dhritarashtra merece ser honrado por nós em todo aspecto. Aqueles que são bons, aqueles que são distintos acima do nível comum, aqueles que não quebram as distinções que caracterizam os bons, não se lembram dos males feitos para eles, mas somente dos benefícios que eles receberam.' Ouvindo essas palavras de Phalguna de grande alma, Yudhishtira de alma justa, o filho de Kunti, se dirigiu a Vidura e disse estas palavras, 'Instruído por mim, ó Kshatri, diga ao rei Kuru que eu darei a ele tanta riqueza da minha tesouraria quanto ele desejar doar para os funerais de seus filhos, e de Bhishma e outros entre seus benquerentes e benfeitores. Que Bhima não fique triste nisso!'

"Vaisampayana continuou, 'Tendo dito essas palavras, o rei Yudhishtira o justo, elogiou muito Arjuna. Enquanto isso Bhimasena começou a lançar olhares enfurecidos em Dhananjaya. Então Yudhishtira, dotado de grande inteligência, mais uma vez se dirigiu a Vidura e disse, 'Não cabe ao rei Dhritarashtra ficar zangado com Bhimasena. Este Bhima de grande inteligência foi grandemente afligido pelo frio e chuva e calor e por mil outros tormentos enquanto residindo nas florestas. Tudo isso não é desconhecido para ti. Portanto, instruído por mim, diga ao rei, ó principal da linhagem de Bharata, que ele pode pegar da minha casa quaisquer artigos que ele deseje e também em qualquer medida que ele queira. Tu deves também dizer para o rei que ele não deve permitir seu coração se estender sobre essa exibição de orgulho à qual Bhima, profundamente afligido, se entregou. Qualquer riqueza que eu tenha e que Arjuna tenha em sua casa, o dono dela é o rei Dhritarashtra. Exatamente isso tu deves dizer a ele. Que o rei faça doações para os Brahmanas. Que ele gaste tão abundantemente quanto ele queira. Que ele se livre da dívida que ele tem com seus filhos e benquerentes. Diga a ele, além disso, (em meu nome), 'Ó Monarca, este meu próprio corpo está à tua disposição e toda a riqueza que eu tenho. Saiba disso, e que não haja dívida nisso.'"

13

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado pelo rei Yudhishtira, Vidura, aquela principal de todas as pessoas inteligentes, voltou para Dhritarashtra e disse para ele estas palavras de grande importância, 'Eu inicialmente relatei tua mensagem

para o rei Yudhishtira. Refletindo sobre tuas palavras, Yudhishtira de grande esplendor as elogiou muito. Vibhatsu também, de grande energia, colocou todas as suas mansões, com toda a riqueza dentro delas, como também seus próprios ares vitais, à tua disposição. Teu filho, o rei Yudhishtira, também, te oferece, ó sábio nobre, seu reino e vida e riqueza e tudo mais que pertence a ele. Bhima, no entanto, de braços poderosos, se lembrando de todas as suas inúmeras tristezas, deu seu consentimento com dificuldade, dando muitos suspiros pesados. Aquele herói de braços fortes, ó monarca, foi solicitado pelo rei justo como também por Vibhatsu, e induzido a assumir relações de cordialidade com relação a ti. O rei Yudhishtira, o justo, rogou a ti para não dar vazão à insatisfação pela conduta imprópria que Bhima exibiu pela recordação de antigas hostilidades. Este é geralmente o comportamento de Kshatriyas em batalha, ó rei, e Vrikodara é dedicado à batalha e às práticas dos Kshatriyas. Eu mesmo e Arjuna, ó rei, repetidamente te pedimos para perdoar Vrikodara. Seja benevolente para nós. Tu és nosso soberano. Qualquer riqueza que nós tenhamos tu podes doar como tu quiseres, ó soberano da Terra. Tu, ó Bharata, és o Mestre deste reino e de tudo o que vive nele. Que o mais notável da linhagem de Kuru doe, para os ritos funerários de seus filhos, todos aqueles principais dos presentes que devem ser dados para os Brahmanas. De fato, que ele faça aquelas doações para pessoas da ordem regenerada, levando de nossas mansões jóias e pedras preciosas, e vacas, e escravos homens e mulheres, e cabras e ovelhas. Que doações sejam feitas também para aqueles que são pobres ou cegos ou em grande infortúnio, escolhendo os objetos de sua caridade como ele desejar. Que, ó Vidura, grandes pavilhões sejam construídos, ricos com alimento e bebida de diversos sabores reunidos em profusão. Que reservatórios de água sejam construídos para permitirem às vacas beberem, e que outros trabalhos de mérito sejam realizados.' Exatamente essas foram as palavras ditas a mim pelo rei como também pelo filho de Pritha Dhananjaya. Cabe a ti dizer o que deve ser feito em seguida.' Depois que Vidura tinha dito essas palavras, ó Janamejaya, Dhritarashtra mostrou sua satisfação por elas e colocou seu coração em fazer grandes presentes no dia da lua cheia do mês de Kartika."

14

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Vidura, o rei Dhritarashtra ficou altamente satisfeito, ó monarca, com o ato de Yudhishtira e Jishnu. Convidando então, depois de exame apropriado, milhares de Brahmanas dignos e Rishis superiores, por causa de Bhishma, como também de seus filhos e amigos, e fazendo uma grande quantidade de comida e bebida ser preparada, e carros e outros veículos, e roupas, e ouro e jóias e pedras preciosas, e escravos homens e mulheres, e cabras e ovelhas, e cobertores e artigos caros serem reunidos, e aldeias e campos, e outros tipos de riqueza serem mantidos prontos, como também elefantes e corcéis enfeitados com ornamentos, e muitas moças belas que eram as melhores de seu sexo, aquele principal dos reis os doou para o progresso dos mortos, citando cada um deles na devida ordem enquanto os presentes eram feitos. Citando Drona, e Bhishma, e Somadatta, e Valhika, e o rei

Duryodhana, e cada um dos seus outros filhos, e todos os seus benquerentes com Jayadratha numerando primeiro, aqueles presentes foram feitos na ordem apropriada. Com a aprovação de Yudhishtira, aquele sacrifício-Sraddha se tornou caracterizado por grandes doações de riqueza e presentes abundantes de jóias e pedras preciosas e outros tipos de preciosidades. Contadores e escribas naquela ocasião, sob as ordens de Yudhishtira, pediam incessantemente ao velho rei, 'Ordene, ó monarca, quais doações devem ser feitas para estes. Todas as coisas estão prontas aqui.' Tão logo o rei falava, eles doavam o que ele ordenava. (O modo usual no qual doações são feitas atualmente em ocasiões de Sraddhas e casamentos e outros ritos auspiciosos parece muito com o que é descrito aqui. Em vez de consagrar cada presente com mantras e água e transferi-lo para o recebedor, todos os artigos em uma pilha são consagrados com a ajuda de mantras. Os convidados são então reunidos, e são chamados individualmente. O Adhyaksha ou superintendente, de acordo com a lista preparada, cita os presentes a serem feitos para o convidado chamado. Os contadores realmente os transferem, os escribas os anotando.) Para aquele que era para receber cem, mil era dado, e para ele que era para receber mil era dado dez mil, por ordem do filho nobre de Kunti. (Cada presente que era indicado por Dhritarashtra era multiplicado por dez por ordem de Yudhishtira.) Como as nuvens vivificando as colheitas com seus aguaceiros, aquela nuvem nobre gratificou os Brahmanas por meio de chuvas de riqueza. Depois que todos aqueles presentes tinham sido distribuídos, o rei, ó tu de grande inteligência, então inundou os convidados reunidos de todas as quatro classes com repetidas ondas de alimento e bebida de diversos sabores. Realmente, o oceano Dhritarashtra, elevando-se, com jóias e pedras preciosas como suas águas, rico com as aldeias e campos e outros presentes principais constituindo suas ilhas verdejantes, pilhas de diversos tipos de artigos preciosos como suas ricas cavernas, elefantes e corcéis como seus jacarés e redemoinhos, o som de Mridangas como seus bramidos profundos, e roupas e riqueza e provisões preciosas como ondas, inundou a Terra. Foi mesmo dessa maneira, ó rei, que aquele monarca fez doações para o avanço no outro mundo de seus filhos e netos e Pitris como também dele mesmo e Gandhari. Finalmente quando ele ficou cansado com a tarefa de fazer presentes em tal profusão, aquele grande Sacrifício-doação chegou ao fim. Exatamente dessa maneira aquele rei da linhagem de Kuru realizou seu Sacrifício-doação. Atores e mímicos dançaram e cantaram continuamente na ocasião e contribuíram para a alegria de todos os convidados. Comida e bebida de diversos gostos foram distribuídas em grandes quantidades. Fazendo doações dessa maneira por dez dias, o filho real de Amvika, ó chefe da linhagem de Bharata, ficou livre das dívidas que ele tinha com seus filhos e netos."

15

"Vaisampayana disse, 'O filho real de Amvika, isto é, Dhritarashtra, tendo decidido a hora de sua partida para as florestas, convocou aqueles heróis, os Pandavas. Possuidor de grande inteligência, o velho monarca, com Gandhari, abordou devidamente aqueles príncipes. Tendo feito os ritos menores serem

realizados, por Brahmanas conhecedores dos Vedas, naquele dia que era o dia da lua cheia no mês de Kartika, ele fez o fogo o qual ele adorava diariamente ser levantado. Deixando seus mantos usuais ele vestiu peles de veado e cascas de árvores, e, acompanhado por suas noras, ele saiu de sua mansão. Quando o filho nobre de Vichitraviryya saiu dessa maneira, um lamento alto foi proferido pelas damas Pandava e Kaurava como também por outras mulheres pertencentes à linhagem Kaurava. O rei reverenciou a mansão na qual ele tinha vivido com arroz frito e flores excelentes de diversas espécies. Ele também honrou todos os seus empregados com presentes de riqueza, e então deixando aquela residência saiu em sua viagem. Então, ó filho, o rei Yudhishtira, completamente trêmulo, com a voz sufocada pelas lágrimas, disse estas palavras em voz alta, 'Ó monarca justo, para onde tu vais?' e caiu em um desmaio. Arjuna, queimando com grande angústia, suspirava repetidamente. Aqueles principais dos príncipes Bharata, dizendo para Yudhishtira que ele não devia se comportar daquela maneira, permaneceram tristemente e com coração mergulhado em aflição. Vrikodara, o heróico Phalguna, os dois filhos de Madri, Vidura, Sanjaya, o filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya, e Kripa, e Dhaumya, e outros Brahmanas, todos seguiram o velho monarca, com vozes sufocadas em tristeza. Kunti caminhou na dianteira, levando em seus ombros a mão de Gandhari, que andava com seus olhos enfaixados. O rei Dhritarashtra andava confiantemente atrás de Gandhari, colocando sua mão em seu ombro. (Como Dhritarashtra era cego, sua rainha Gandhari, cuja devoção por seu marido era muito grande, tinha, desde os dias de seu casamento, mantido seus olhos enfaixados se recusando a olhar para o mundo que seu marido não podia ver.) Krishna, a filha de Drupada, ela da tribo Sattwata, Uttara, a nora dos Kauravas, que tinha se tornado mãe recentemente, Chitrangada, e outras senhoras da casa real, todas procederam com o velho monarca. Os lamentos que elas proferiram naquela ocasião, ó rei, de tristeza, pareciam com as lamentações altas de um bando de águias pescadoras. Então as esposas dos cidadãos, Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, também saíram às ruas de todos os lados. Na partida de Dhritarashtra, ó rei, todos os cidadãos de Hastinapura ficaram tão afligidos como eles tinham estado, ó monarca, quando eles testemunharam a partida dos Pandavas antigamente depois de sua derrota na partida de dados. Damas que nunca tinham visto o sol ou a lua saíram às ruas na ocasião, em grande aflição, quando o rei Dhritarashtra seguiu para a grande floresta."

16

"Vaisampayana disse, 'Grande foi o tumulto, naquela hora, ó rei, de homens e mulheres permanecendo nos terraços de mansões ou no chão. Possuidor de grande inteligência, o velho rei, com mãos unidas, e tremendo de fraqueza, procedeu com dificuldade ao longo da rua principal que estava apinhada com pessoas de ambos os sexos. Ele deixou a cidade chamada de elefante pelo portão principal e então ordenou repetidamente que a multidão de pessoas voltasse para suas casas. Vidura tinha colocado seu coração em ir para a floresta junto com o rei. O Suta Sanjaya também, o filho de Gavalgani, o principal ministro de

Dhritarashtra, era da mesma disposição. O rei Dhritarashtra, no entanto, fez Kripa e o poderoso guerreiro em carro Yuyutsu se absterem de segui-lo. Ele os transferiu para as mãos de Yudhishtira. Depois que os cidadãos tinham parado de seguir o monarca, o rei Yudhishtira, com as damas de sua casa, se preparou para parar, por ordem de Dhritarashtra. Vendo que sua mãe Kunti estava desejosa de se retirar para as florestas, o rei disse para ela, 'Eu seguirei o velho monarca. Desista. Cabe a ti, ó rainha, voltar para a cidade, acompanhada por estas tuas noras. Este monarca procede para as florestas, firmemente resolvido a praticar penitências.' Embora o rei Yudhishtira tenha dito essas palavras para ela, com seus olhos banhados em lágrimas, Kunti, no entanto, sem responder a ele, continuou a prosseguir, agarrando-se à Gandhari."

"Kunti disse, 'Ó rei, nunca mostre qualquer desconsideração por Sahadeva. Ele é muito apegado a mim, ó monarca, e a ti também sempre. Tu deves sempre manter em mente Karna que nunca recuou da batalha. Por minha insensatez aquele herói foi morto no campo de batalha. Certamente, meu filho, esse meu coração é feito de aço, já que ele não se quebra em cem pedaços ao não ver aquele filho nascido de Surya. Quando tal é o caso, ó castigador de inimigos, o que eu posso fazer agora? Eu sou muito culpada por não ter proclamado a verdade acerca do nascimento do filho de Surya. Ó destruidor de inimigos, eu espero que tu, com todos os teus irmãos, faça doações excelentes por causa daquele filho de Surya. Ó ceifeiro de inimigos, tu deves sempre fazer o que é agradável para Draupadi. Tu deves cuidar de Bhimasena e Arjuna e Nakula e Sahadeva. As responsabilidades da linhagem de Kuru agora caíram sobre ti, ó rei. Eu viverei nas florestas com Gandhari, cobrindo meu corpo com sujeira, ocupada na realização de penitências, e dedicada ao serviço de meu sogro e sogra.'" (Nilakantha explica que como Dhritarashtra é irmão mais velho de Pandu, portanto, Kunti o considera como pai de Pandu. A rainha Gandhari então é sogra de Kunti. O irmão mais velho é considerado como um pai.)

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ela, Yudhishtira de alma justa, com paixões sob controle completo, ficou, com todos os seus irmãos, mergulhado em grande angústia. Dotado de grande inteligência, o rei não disse uma palavra. Tendo refletido por pouco tempo, o rei Yudhishtira o justo, triste e mergulhado em ansiedade e tristeza dirigiu-se à sua mãe, dizendo, 'Estranho, de fato, é esse teu propósito! Não cabe a ti realizar isso. Eu nunca poderia te conceder permissão. Cabe a ti nos mostrar compaixão. Antigamente, quando nós estávamos prestes a sairmos de Hastinapura para as florestas, ó tu de feições agradáveis, foste tu que, narrando para nós a história das instruções de Vidula para seu filho, nos incitaste para o esforço. Não cabe a ti nos abandonar agora. Tendo matado os reis da Terra, eu ganhei soberania, guiado por tuas palavras de sabedoria comunicadas por Vasudeva. Onde está agora aquela tua compreensão sobre a qual eu ouvi de Vasudeva? Tu desejavas agora te desviar daquelas práticas Kshatriya sobre as quais tu nos instruíste? Abandonando nós mesmos, este reino, e esta tua nora que é possuidora de grande fama, como tu viverás nas florestas inacessíveis? Ceda!' Kunti, com lágrimas em seus olhos, ouviu essas palavras de seu filho, mas continuou a prosseguir em seu caminho. Então Bhima dirigiu-se a

ela, dizendo, 'Quando, ó Kunti, a soberania foi ganha, e quando chegou a hora de tu desfrutares dessa soberania assim adquirida por teus filhos, quando os deveres de realeza esperam desengano por ti, por que motivo esse desejo ocupou tua mente? Por que então tu nos fizeste exterminar a Terra? Por que razão tu deixas todos nós e deseja tomar tua residência nas florestas? Nós nascemos nas florestas. Por que então tu nos trouxeste da floresta enquanto nós éramos crianças? Veja, os dois filhos de Madri estão dominados pela tristeza e aflição. Ceda, ó mãe, ó tu de grande fama, não vá para as florestas agora. Desfrute daquela prosperidade que, adquirida pelo poder, tornou-se de Yudhishtira hoje.' Firmemente resolvida a se retirar para as florestas, Kunti desconsiderou essas lamentações de seus filhos. Então Draupadi com um rosto triste, acompanhada por Subhadra, seguiu sua sogra lacrimosa que estava viajando pelo desejo de entrar nas florestas. Possuidora de grande sabedoria e firmemente decidida a se retirar do mundo, a dama abençoada andou em frente, olhando frequentemente para seus filhos chorosos. Os Pandavas, com todas as suas esposas e servidores, continuaram a segui-la. Reprimindo então suas lágrimas, ela se dirigiu aos seus filhos nestas palavras."

17

"Kunti disse, 'É assim mesmo, ó filho de braços poderosos de Pandu, como tu disseste. Ó reis, antigamente quando vocês estavam tristes, foi exatamente dessa maneira que eu estimei vocês todos. Sim, vendo que seu reino foi tirado à força de vocês por uma partida de dados, vendo que vocês todos tinham se afastado da felicidade, vendo que vocês eram tiranizados por parentes, eu instilei coragem e pensamentos superiores em suas mentes. Ó principais dos homens, eu encorajei vocês para que eles que eram os filhos de Pandu não pudessem ser perdidos, para que sua fama não pudesse ser perdida. Vocês são todos iguais a Indra. Sua destreza parece com aquela dos próprios deuses. Para que vocês não pudessem viver olhando para os rostos de outros, eu agi daquele modo. (Viver olhando os rostos de outros é viver em dependência de outros.) Eu instilei coragem no teu coração para que tu que és a principal de todas as pessoas justas, que és igual a Vasava, não pudesse ir outra vez para as florestas e viver em miséria. Eu instilei coragem em seus corações para que Bhima, que é possuidor da força de dez mil elefantes, e cuja bravura e coragem são amplamente conhecidas, não pudesse cair em insignificância e ruína. Eu instilei coragem em seus corações para que este Vijaya, que nasceu depois de Bhimasena, e que é igual ao próprio Vasava não pudesse ser infeliz. Eu instilei coragem em seus corações para que Nakula e Sahadeva, que são sempre devotados aos seus superiores, não pudessem ser enfraquecidos e tornados desanimados pela fome. Eu agi daquela forma para que esta dama de proporções bem desenvolvidas e olhos grandes expansivos não pudesse sofrer os males infligidos a ela no salão público sem ser vingada. Na própria visão de vocês todos, ó Bhima, Dussasana, por tolice, a arrastou tremendo toda como uma bananeira, durante o período de sua indisposição funcional, depois que ela foi ganha nos dados, como se ela fosse uma escrava. Tudo isso foi sabido por mim. De fato, a linhagem de Pandu tinha sido subjugada (por inimigos).

Os Kurus, meu sogro e outros, ficaram tristes quando ela, desejosa de um protetor, proferiu lamentações altas como uma águia pescadora. Quando ela foi arrastada por seus cabelos formosos pelo pecaminoso Dussasana de pouca inteligência, eu fui privada de meus sentidos, ó rei. Saiba, que para aumentar sua energia, eu instilei aquela coragem em seus corações por recitar as palavras de Vidula, ó meus filhos. Eu instilei coragem em seus corações, ó meus filhos, para que a linhagem de Pandu, representada por meus filhos, não pudesse ser perdida. Os filhos e netos daquela pessoa que traz infâmia a uma linhagem nunca conseguem chegar às regiões dos justos. Realmente, os antepassados da linhagem Kaurava corriam o risco de perder aquelas regiões de felicidade que tinham se tornado deles. Com relação a mim mesma, ó meus filhos, eu, antes disso, desfrutei dos grandes frutos daquela soberania que meu marido tinha adquirido. Eu fiz grandes doações. (Foi salientado antes que mahadana significa doações de tais coisas como elefantes, cavalos, carros e outros veículos, botes, etc. O doador ganha grande mérito por fazê-las, mas o recebedor incorre em demérito pela aceitação, a menos que aconteça de ele ser uma pessoa de energia excepcional. Até hoje, aceitadores de tais doações são considerados como homens decaídos.) Eu bebi devidamente o suco Soma em sacrifício. Não foi por minha própria causa que eu instiguei Vasudeva com as palavras inspiradoras de Vidula. Foi por sua causa que eu os roguei para seguirem aquele conselho. Ó meus filhos, eu não desejo os frutos daquela soberania que foi ganha por meus filhos. Ó tu de grande força, eu desejo alcançar, por minhas penitências, aquelas regiões de felicidade que foram adquiridas por meu marido. Por prestar serviço obediente para meu sogro e sogra ambos os quais desejam tomar sua residência nas florestas, e por penitências, eu desejo, ó Yudhishtira, enfraquecer meu corpo. Pare de me seguir, ó principal da linhagem de Kuru, junto com Bhima e outros. Que tua compreensão seja sempre devotada à justiça. Que tua mente seja sempre grande.”

18

"Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras de Kunti, os Pandavas impecáveis, ó melhor dos reis, ficaram envergonhados. Eles, portanto, desistiram, junto com a princesa de Panchala, de segui-la. (As palavras que Kunti falou eram justas. A oposição que seus filhos ofereceram era irracional. Por isso, sua vergonha.) Vendo Kunti decidida a ir para as florestas, as damas da família Pandava proferiram lamentos altos. Os Pandavas então circungiraram o rei e o saudaram devidamente. Eles pararam de seguir adiante, tendo fracassado em persuadir Pritha a voltar. Então o filho de Amvika de grande energia, isto é, Dhritarashtra, dirigindo-se a Gandhari e Vidura e apoiando-se neles, disse, 'Que a nobre mãe de Yudhishtira cesse de nos acompanhar. O que Yudhishtira disse é tudo muito verdadeiro. Abandonando essa grande prosperidade de seus filhos, abandonando aqueles frutos excelentes que podem ser dela, por que ela deveria ir para as florestas inacessíveis, deixando seus filhos como uma pessoa de pouca inteligência? Vivendo no gozo da soberania, ela pode praticar penitências e cumprir votos superiores de doações. Que ela, portanto, ouça minhas palavras. Ó

Gandhari, eu estou muito satisfeito com os serviços prestados a mim por esta minha nora. Conhecedora como tu és de todos os deveres, cabe a ti mandá-la retornar.' Assim endereçada por seu marido, a filha de Suvala repetiu para Kunti todas aquelas palavras do velho rei e acrescentou suas próprias palavras de grave significado. Ela, no entanto, fracassou em fazer Kunti desistir porque aquela senhora casta, dedicada à virtude, tinha colocado firmemente seu coração em residir nas florestas. As damas Kuru, compreendendo quão firme era sua resolução a respeito de sua retirada para as florestas, e vendo que aqueles principais da linhagem de Kuru (isto é, seus próprios maridos), tinham parado de segui-la, deram um grito alto de lamentação. Depois que todos os filhos de Pritha e todas as damas tiveram retrocedido seus passos, o rei Dhritarashtra de grande sabedoria continuou sua jornada para as florestas. Os Pandavas, extremamente desanimados e afligidos com angústia e tristeza, acompanhados por suas esposas, voltaram para a cidade, em seus carros. Naquele tempo a cidade de Hastinapura, com toda a sua população de homens e mulheres, velhos e jovens, ficou desanimada e mergulhada em tristeza. Festivais alegres não foram celebrados. Afligidos pela dor os Pandavas estavam sem nenhuma energia. Abandonados por Kunti, eles ficaram profundamente afligidos pela angústia como bezerros privados de suas mães. Dhritarashtra alcançou naquele dia um local muito distante da cidade. O monarca poderoso chegou finalmente nas margens de Bhagirathi e descansou lá pela noite. Brahmanas conhecedores dos Vedas acenderam devidamente seus fogos sagrados naquele retiro de ascetas. Cercados por aqueles principais dos Brahmanas, aqueles fogos sagrados resplandeceram em beleza. O fogo sagrado do velho rei foi aceso também. Sentando perto do seu próprio fogo, ele derramou libações sobre ele de acordo com os ritos devidos, e então adorou o sol de mil raios quando ele estava prestes a se pôr. Então Vidura e Sanjaya fizeram uma cama para o rei espalhando algumas folhas de grama Kusa. Perto da cama daquele herói Kuru eles fizeram outra para Gandhari. Bem próximo a Gandhari, a mãe de Yudhishtira, Kunti, observadora de votos excelentes, deitou-se feliz. Dentro da distância de audição daqueles três dormiram Vidura e outros. Os Brahmanas Yajaka e outros seguidores do rei se deitaram em suas respectivas camas. Os principais dos Brahmanas que estavam lá cantaram em voz alta muitos hinos sagrados. Os fogos sacrificais brilhavam por toda parte. Aquela noite, portanto, parecia tão encantadora para eles como uma noite Brahmi. (Noite no decorrer da qual hinos sagrados são cantados.) Quando a noite passou, eles todos se levantaram de suas camas e passaram por suas ações matinais. Derramando então libações no fogo sagrado, eles continuaram sua viagem. Seu primeiro dia de experiência na floresta provou ser muito doloroso para eles por causa do sofrimento dos habitantes da cidade e das províncias do reino Kuru.”

19

"Vaisampayana disse. 'Seguindo o conselho de Vidura, o rei tomou sua residência nas margens do Bhagirathi as quais era sagradas e dignas de serem povoadas pelos justos. Lá muitos Brahmanas que tinham tomado sua residência

nas florestas, como também muitos Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, chegaram para ver o velho monarca. Sentado em seu meio, ele alegrou todos eles com suas palavras. Tendo adorado adequadamente os Brahmanas com seus discípulos, ele despediu todos eles. Quando chegou a noite, o rei e Gandhari de grande fama, ambos desceram à corrente do Bhagirathi e realizaram suas abluções devidamente para se purificarem. O rei e a rainha, e Vidura e outros, ó Bharata, tendo se banhado no rio sagrado, realizaram os ritos usuais de religião. Depois que o rei tinha se purificado por meio de um banho, a filha de Kuntibhoja gentilmente conduziu ele que era para ela como seu sogro, e Gandhari, da água para a margem seca. Os Yajakas tinham feito um altar sacrificial lá para o rei. Dedicado à verdade, o último então derramou libações no fogo. Das margens do Bhagirathi o velho rei, com seus seguidores, cumpridores de votos e com sentidos controlados, então procedeu para Kurukshetra. Possuidor de grande inteligência, o rei chegou ao retiro do sábio real Satayupa de grande sabedoria e teve uma conversa com ele. Satayupa, ó destruidor de inimigos, tinha sido o grande rei dos Kekayas. Tendo transferido a soberania do reino para seu filho ele tinha entrado nas florestas. Satayupa recebeu o rei Dhritarashtra com os ritos devidos. Acompanhado por ele, o último procedeu para o retiro de Vyasa. Chegando ao retiro de Vyasa, o encantador dos Kurus recebeu sua iniciação no modo de vida da floresta. Retornando ele tomou sua residência no retiro de Satayupa. Satayupa de grande alma instruiu Dhritarashtra em todos os ritos do modo da floresta, por ordem de Vyasa. Dessa maneira Dhritarashtra de grande alma se dirigiu à prática de penitências, e todos os seus seguidores também ao mesmo rumo de conduta. A rainha Gandhari também, ó monarca, junto com Kunti, assumiu cascas de árvores e peles de veado como sua vestimenta, e se dedicou à observância dos mesmos votos como seu marido. Reprimindo seus sentidos em pensamentos, palavras, e ações, assim como pela visão, eles começaram a praticar austeridades severas. Privado de todo entorpecimento mental, o rei Dhritarashtra começou a praticar votos e penitências como um grande Rishi, reduzindo seu corpo à pele e ossos, pois sua carne foi toda secada, portando madeixas emaranhadas na cabeça, e seu corpo vestido em peles e cascas de árvores. Vidura, conhecedor das verdadeiras interpretações de virtude, e dotado de grande inteligência, como também Sanjaya, serviam o velho rei com sua esposa. Ambos com almas sob submissão, Vidura e Sanjaya também se reduziram, e vestiram cascas e trapos.”

20

"Vaisampayana disse, 'Aqueles principais dos ascetas, isto é, Narada e Parvata e Devala de penitências austeras, chegaram lá para ver o rei Dhritarashtra. O Nascido na Ilha Vyasa com todos os seus discípulos, e outras pessoas dotadas de grande sabedoria e coroadas com sucesso ascético, e o sábio real Satayupa de idade avançada e possuidor de grande mérito, também chegaram lá. Kunti os adorou com ritos apropriados, ó rei. Todos aqueles ascetas ficaram muito satisfeitos com o culto oferecido a eles. Aqueles grandes Rishis alegraram o rei Dhritarashtra de grande alma com discursos sobre religião e virtude. Na conclusão

de sua conversa, o Rishi celeste Narada, vendo todas as coisas como objetos de percepção direta, disse as seguintes palavras.”

”Narada disse, 'Houve um soberano dos Kekayas, possuidor de grande prosperidade e perfeitamente destemido. Seu nome era Sahasrachitya e ele era o avô deste Satayupa. Renunciando ao seu reino para seu filho mais velho dotado de uma grande medida de virtude, o rei virtuoso Sahasrachitya se retirou para as florestas. Alcançando o outro fim de penitências ardentes, aquele senhor da Terra, dotado de grande esplendor, chegou à região de Purandara onde ele continuou a viver em sua companhia. Em muitas ocasiões, enquanto visitando a região de Indra, ó rei, eu vi o monarca, cujos pecados tinham sido todos queimados por penitências, residindo na residência Indra. Da mesma maneira, o rei Sailalaya, o avô de Bhagadatta, alcançou a região de Indra somente pelo poder de suas penitências. Houve outro rei, ó monarca, de nome Prishadhra que parecia com o próprio manejador do raio. Aquele rei também, por suas penitências, procedeu da Terra para o Céu. Nesta mesma floresta, ó rei, aquele senhor da Terra, Purukutsa, o filho de Mandhatri, alcançou o maior sucesso. Aquele principal dos rios, isto é, Narmada, se tornou o companheiro daquele rei. Tendo passado por penitências nesta mesma floresta, aquele soberano da Terra procedeu para o Céu. Houve outro rei, altamente justo, de nome Sasaloman. Ele também passou por austeridades severas nesta floresta e então ascendeu para o Céu. Tu também, ó monarca, tendo chegado a esta floresta, irás, pela graça do Nascido na Ilha, alcançar uma meta que é muito elevada e de aquisição difícil. Tu também, ó principal dos reis, no fim das tuas penitências, te tornarás dotado de grande prosperidade e, acompanhado por Gandhari, chegarás à meta alcançada por aqueles de grande alma. Residindo na presença do matador de Vala, Pandu pensa em ti sempre. Ele irá, ó monarca, certamente te ajudar na obtenção de prosperidade. Por servir a ti e a Gandhari, esta tua nora, possuidora de grande fama, obterá residência com seu marido no outro mundo. Ela é a mãe de Yudhishtira que é o eterno Dharma. Nós vemos tudo isso, ó rei, com nossa visão espiritual. Vidura entrará em Yudhishtira de grande alma. Sanjaya também, por meio de meditação, ascenderá deste mundo para o Céu.”

”Vaisampayana continuou, 'Aquele chefe de grande alma da linhagem de Kuru, possuidor de erudição, tendo, com sua esposa, ouvido essas palavras de Narada, as elogiou e reverenciou Narada com honras sem precedentes. O conclave de Brahmanas lá presente ficou cheio de grande alegria, e desejosos de alegrarem o rei Dhritarashtra, ó monarca, eles mesmos adoraram Narada com profundo respeito. Aquela principal das pessoas regeneradas também elogiou as palavras de Narada. Então o sábio nobre Satayupa, se dirigindo a Narada, disse, 'Tua pessoa santa aumentou a devoção do rei Kuru, de todas estas pessoas aqui, e a minha também, ó tu de grande esplendor. Eu, no entanto, tenho o desejo de te perguntar uma coisa. Ouça-me enquanto eu digo isso. Isso tem relação com o rei Dhritarashtra, ó Rishi celeste, que és adorado por todos os mundos. Tu conheces a verdade de todo acontecimento. Dotado de visão divina, tu contempleste, ó Rishi regenerado, quais são as diversas metas dos seres humanos. Tu disseste qual foi a meta dos reis mencionados por ti, isto é, associação com o chefe dos celestiais.

Tu, no entanto, ó grande Rishi, não declaraste quais regiões serão adquiridas por este rei. Ó pujante, eu desejo saber de ti qual região será adquirida pelo rei Dhritarashtra. Cabe a ti me dizer realmente o tipo de região que será dele e quando ele a alcançará.' Assim endereçado por ele, Narada de visão celeste e dotado de penitências austeras, disse no meio da assembléia estas palavras altamente agradáveis para as mentes de todos."

"Narada disse, 'Dirigindo-me por minha vontade à mansão de Sakra, eu tenho visto Sakra, o senhor de Sachi; e lá, ó sábio real, eu tenho visto o rei Pandu. Lá surgiu uma conversa, ó monarca, com relação a Dhritarashtra e a estas penitências muito austeras que ele está realizando. Lá eu ouvi dos lábios do próprio Sakra que ainda restam três anos ainda do período de vida concedido para este rei. Depois disso, o rei Dhritarashtra, acompanhado por sua esposa Gandhari, irá para as regiões de Kuvera e será altamente honrado por aquele rei de reis. Ele irá para lá em um carro movido por sua vontade, seu corpo enfeitado com ornamentos celestes. Ele é o filho de um Rishi; ele é altamente abençoado; ele queimou todos os seus pecados por meio de suas penitências. Dotado de uma alma virtuosa, ele vagará à vontade pelas regiões das divindades, dos Gandharvas, e dos Rakshasas. Isso sobre o qual tu me perguntaste é um mistério dos deuses. Por minha afeição por vocês eu declarei essa verdade sublime. Vocês todos são possuidores da riqueza de Srutis e têm destruído todos os seus pecados por meio de suas penitências."

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas palavras gentis do Rishi celeste, todas as pessoas lá reunidas, como também o rei Dhritarashtra, ficaram grandemente alegres e altamente satisfeitas. Tendo alegrado Dhritarashtra de grande sabedoria com tal conversação, eles deixaram o local, trilhando o caminho que pertence àqueles que são coroados com sucesso."

21

"Vaisampayana disse, 'Após a retirada do chefe dos Kurus para a floresta, os Pandavas, ó rei, afligidos, além disso, pela dor por causa de sua mãe, ficaram muito tristes. Os cidadãos de Hastinapura também foram possuídos por uma tristeza profunda. Os Brahmanas sempre falavam do velho rei. 'Como, de fato, o rei, que se tornou idoso, viverá nas florestas solitárias? Como a altamente abençoada Gandhari, e Pritha, a filha de Kuntibhoja, viverão lá? O sábio real sempre viveu no prazer de todo conforto. Ele certamente será muito miserável. Chegando às florestas profundas, qual será agora a condição daquela pessoa de linhagem real, que é, também, desprovida de visão? Difícil é o feito que Kunti realizou por se separar de seus filhos. Ai, rejeitando a prosperidade real, ela escolheu uma vida nas florestas. Qual, também, será a condição de Vidura que está sempre dedicado ao serviço de seu irmão mais velho? Como também estará o filho inteligente de Gavalgani que é tão fiel ao alimento dado a ele por seu mestre?' Realmente, os cidadãos, incluindo até aqueles de menoridade, se reunindo, faziam uns aos outros essas perguntas. Os Pandavas também, extremamente afligidos pela angústia, se entristeceram por sua velha mãe e não

podiam mais viver em sua cidade. Pensando também em seu velho pai, o rei, que tinha perdido todos os seus filhos, e na altamente abençoada Gandhari, e em Vidura de grande inteligência, eles fracassaram em desfrutar de paz mental. Eles não tinham prazer na soberania, nem em mulheres, nem no estudo dos Vedas. O desespero penetrava em suas almas quando eles pensavam no velho rei e quando eles refletiam repetidamente sobre aquele massacre terrível de parentes. De fato, pensando na morte do jovem Abhimanyu no campo de batalha, do poderosamente armado Karna que nunca se retirava do combate, dos filhos de Draupadi, e de seus outros amigos, aqueles heróis ficaram extremamente tristes. Eles fracassaram em obter paz mental ao refletirem repetidamente que a Terra tinha ficado privada de seus heróis e sua riqueza. Draupadi tinha perdido todos os seus filhos, e a bela Subhadra também tinha ficado sem filho. Elas também estavam com corações tristes e sofriam extremamente. Contemplando, no entanto, o filho da filha de Virata, isto é, teu pai Parikshit, teus avôs de alguma maneira mantinham seus ares vitais.”

22

"Vaisampayana disse, 'Aqueles principais dos homens, os heróicos Pandavas, aqueles alegradores de sua mãe, ficaram extremamente afligidos pela angústia. Eles que antigamente estavam sempre envolvidos em ocupações reais naquele tempo não se encarregavam em absoluto daqueles atos em sua capital. Afligidos com tristeza profunda, eles fracassavam em derivar prazer de qualquer coisa. Se alguém os abordava, eles nunca o honravam com uma resposta. Embora aqueles heróis irresistíveis fossem em gravidade como o oceano, contudo eles estavam naquele momento privados de seu conhecimento e sua própria razão pela dor que eles sentiam. Pensando em sua mãe, os filhos de Pandu se encheram de ansiedade quanto a como sua mãe emaciada estava servindo o casal idoso. 'Como, de fato, aquele rei cujos filhos foram todos mortos e que está sem amparo está vivendo sozinho, somente com sua esposa, nas florestas que são habitat de animais predadores? Ai, como aquela rainha altamente abençoada, Gandhari, cujos amados foram todos mortos, segue seu marido cego nas florestas solitárias?' Tal era a ansiedade manifestada pelos Pandavas quando eles falavam uns com os outros. Eles então decidiram ver o rei em seu retiro na floresta. Então Sahadeva, curvando-se ao rei, disse, 'Eu vejo teu coração colocado em ver nosso pai. Por meu respeito por ti, no entanto, eu não podia abrir minha boca rapidamente sobre o assunto da nossa viagem para as florestas. A hora para aquela viagem agora chegou. Por boa sorte eu verei Kunti vivendo na observância de penitências, com cabelos emaranhados em sua cabeça, praticando austeridades rígidas, e emaciada por dormir sobre folhas de Kusa e Kasa. Ela foi criada em palácios e mansões, e cuidada em todo luxo e conforto. Ai, quando eu verei minha mãe que está agora fatigada e mergulhada em miséria extrema? Sem dúvida, ó chefe da linhagem de Bharata, os fins dos mortais são extremamente incertos, já que Kunti, que é uma princesa por nascimento, está agora vivendo em miséria nas florestas.' Ouvindo essas palavras de Sahadeva, a rainha Draupadi, aquela principal de todas as mulheres, honrando o rei devidamente, disse, com

saudações apropriadas, 'Ai, quando eu verei a rainha Pritha, se, de fato, ela ainda estiver viva? Eu considerarei minha vida não passada em vão se eu conseguir vê-la mais uma vez, ó rei. Que esse tipo de compreensão seja sempre estável em ti. Que tua mente sempre tenha prazer em tal virtude como está envolvida, ó rei de reis, no teu desejo de conceder tal bênção excelente para nós. Saiba, ó rei, que todas essas damas da tua casa estão permanecendo com seus pés erguidos para a viagem, pelo desejo de ver Kunti, e Gandhari, e meu sogro.' Assim endereçado pela rainha Draupadi, o rei, ó chefe da linhagem de Bharata, convocou todos os líderes de suas tropas e disse a eles, 'Façam meu exército, cheio de carros e elefantes, marchar para fora. Eu irei ver o rei Dhritarashtra que está vivendo agora nas florestas.' Para aqueles que supervisionavam os negócios das damas, o rei deu a ordem, 'Que diversos tipos de transportes sejam equipados adequadamente e todas as minhas milhares de liteiras fechadas. Que as carruagens e armazéns e guarda roupas, e tesouros, sejam equipados e ordenados fora, e que mecânicos tenham a ordem para marchar. Que os homens a cargo dos tesouros saiam pelo caminho que leva para os retiros ascéticos em Kurukshetra. Qualquer um entre os cidadãos que deseje ver o rei está permitido fazer isso sem qualquer restrição. Que ele proceda, devidamente protegido. Que cozinheiros e superintendentes de cozinhas, e todo o estabelecimento culinário, e diversos tipos de mantimentos e iguarias sejam levados para fora sobre carros e transportes. Que seja anunciado que nós marcharemos amanhã. De fato, que não ocorra demora (na execução dos planos). Que pavilhões e casas de descanso de diversos tipos sejam construídos no caminho.' Exatamente essas foram as ordens que o filho mais velho de Pandu deu, com seus irmãos. Quando chegou a manhã, ó monarca, o rei saiu, com uma grande comitiva de mulheres e homens idosos. Saindo de sua cidade, o rei Yudhishtira esperou cinco dias pelos cidadãos que pudessem acompanhá-lo, e então procedeu em direção à floresta."

23

"Vaisampayana disse, 'Aquele principal da linhagem de Bharata então mandou suas tropas, que eram protegidas por heróis que eram encabeçados por Arjuna e que pareciam com os próprios guardiões do universo, marcharem. Imediatamente, ergueu-se um clamor alto consistindo das palavras, 'Equipem-se! Equipem-se!', dos cavaleiros, ó Bharata, ocupados em equipar seus corcéis. Alguns procederam em carruagens e veículos, alguns em cavalos de grande velocidade, e alguns em carros feitos de ouro dotados do esplendor de fogos ardentes. Alguns procederam sobre elefantes poderosos, e alguns em camelos, ó rei. Alguns procederam a pé, que pertenciam àquela classe de combatentes que está armada com garras como as do tigre (feitas de ferro e amarradas aos seus pulsos). Os cidadãos e habitantes das províncias, desejosos de ver Dhritarashtra, seguiram o rei em diversos tipos de transportes. O preceptor Kripa também, da linhagem de Gotama, aquele grande líder de exércitos, levando todas as tropas com ele, procedeu, por ordem do rei, para o retiro do velho monarca. O rei Kuru Yudhishtira, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, cercado por um grande número de Brahmanas, seus louvores cantados por um grande grupo de Sutas e Magadhas e bardos, e

com um guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça e cercado por um grande número de carros, saiu em sua viagem. Vrikodara, o filho do Deus do vento, procedeu em um elefante tão gigantesco quanto uma colina, equipado com arco encordado e máquinas e armas de ataque e defesa. Os filhos gêmeos de Madri procederam em dois corcéis velozes, bem envolvidos em armadura, bem protegidos, e equipados com estandartes. Arjuna de energia imensa, com sentidos sob controle, procedeu em um carro excelente dotado de refulgência solar e ao qual estavam atrelados corcéis excelentes de cor branca. As damas da família real, encabeçadas por Draupadi, procederam em liteiras fechadas protegidas pelos superintendentes das mulheres. Eles espalhavam copiosas chuvas de riquezas enquanto eles prosseguiram. Abundando com carros e elefantes e corcéis, e ecoando com o clangor de trombetas e a música de Vinas, a hoste Pandava, ó monarca, brilhava com grande beleza. Aqueles principais da linhagem de Kuru procederam lentamente, descansando ao lado de margens encantadoras de rios e lagos, ó monarca. Yuyutsu de energia poderosa, e Dhaumya, o sacerdote por ordem de Yudhishtira, estavam ocupados em proteger a cidade. Por meio de marchas lentas o rei Yudhishtira alcançou Kurukshetra, e então, cruzando o Yamuna, aquele rio altamente sagrado, ele observou de uma distância o retiro, ó tu da linhagem de Kuru, do sábio real de grande sabedoria e de Dhritarashtra. Então todos os homens ficaram cheios de alegria e entraram rapidamente na floresta, enchendo-a com sons altos de alegria, ó chefe da linhagem de Bharata.”

24

"Vaisampayana disse, 'Os Pandavas desceram, a uma distância, de seus carros e prosseguiram a pé para o retiro do rei, se inclinando em humildade. Todos os combatentes também, e todos os habitantes do reino, e as esposas dos chefes Kuru, os seguiram a pé. Os Pandavas então alcançaram o retiro sagrado de Dhritarashtra que abundava com bandos de veados e que era adornado com bananeiras. Muitos ascetas de votos rígidos, cheios de curiosidade, chegaram lá para ver os Pandavas que chegaram ao retiro. O rei, com lágrimas em seus olhos, os questionou, perguntando, 'Aonde foi meu pai mais velho, o perpetuador da linhagem de Kuru?' Eles responderam, ó monarca, dizendo a ele que ele tinha ido para o Yamuna por causa de suas abluções, como também para trazer flores e água. Procedendo rapidamente a pé pelo caminho indicado por eles, os Pandavas viram todos eles de uma distância. Desejosos de encontrar com seu pai eles andaram com um passo rápido. Então Sahadeva correu com velocidade para o local onde Pritha estava. Tocando os pés de sua mãe, ele começou a chorar alto. Com lágrimas correndo por suas bochechas, ela viu seu filho querido. Erguendo seu filho e o abraçando com seus braços, ela informou Gandhari da chegada de Sahadeva. Então vendo o rei e Bhimasena e Arjuna, e Nakula, Pritha se esforçou para avançar rapidamente em direção a eles. Ela estava andando na frente do casal idoso sem filhos, e estava arrastando-os para frente. Os Pandavas, vendo-a, caíram no chão. O monarca pujante e de grande alma, dotado de grande inteligência, reconhecendo-os por suas vozes e também pelo tato, confortou-os

um depois do outro. Derramando lágrimas, aqueles príncipes de grande alma, com as devidas formalidades, se aproximaram do velho rei e de Gandhari, como também de sua própria mãe. De fato, recuperando seus sentidos, e mais uma vez confortados por sua mãe, os Pandavas pegaram do rei e de sua tia e mãe os jarros cheios de água que eles estavam carregando, para levá-los eles mesmos. As senhoras daqueles leões entre homens, e todas as mulheres da família real, como também todos os habitantes da cidade e das províncias, então viram o velho rei. O rei Yudhishtira apresentou todos aqueles indivíduos um depois do outro para o velho rei, repetindo seus nomes e famílias, e então ele mesmo adorou seu pai mais velho com reverência. Cercado por todos eles, o monarca idoso, com olhos banhados em lágrimas de alegria, se considerou como estando mais uma vez no meio da cidade chamada de elefante. Saudado com reverência por todas as suas noras encabeçadas por Krishna, o rei Dhritarashtra, dotado de grande inteligência, com Gandhari e Kunti, ficou cheio de alegria. Ele então alcançou seu retiro na floresta que era louvado por Siddhas e Charanas, e que estava então cheio com vastas multidões de homens todos desejosos de vê-lo, como o firmamento cheio de inúmeras estrelas.”

25

"Vaisampayana disse, 'O rei, ó chefe da linhagem de Bharata, com aqueles principais dos homens, isto é, seus irmãos, que eram todos possuidores de olhos que pareciam com pétalas de lótus, tomou seu assento no retiro de seu pai mais velho. Lá sentaram em volta dele muitos ascetas altamente abençoados, vindos de diversas regiões, pelo desejo de ver os filhos daquele senhor da linhagem de Kuru, isto é, os Pandavas de peitos largos. Eles disseram, 'Nós desejamos saber quem entre estes é Yudhishtira, quem são Bhima e Arjuna, quem são os gêmeos, e quem é Draupadi de grande fama.' Então o Suta, Sanjaya, em resposta às suas perguntas, apontou para eles os Pandavas, nomeando cada um, e Draupadi também como também as outras damas da família Kuru.'"

"Sanjaya disse, 'Este que é tão belo de cor como ouro puro, que é dotado de um corpo que parece com aquele de um leão adulto, que possui um grande nariz aquilino, e olhos grandes e expansivos que são, além disso, de uma cor acobreada, é o rei Kuru. Este, cujo andar parece aquele de um elefante enfurecido, cuja cor é tão bela aquela do ouro aquecido, cujo corpo é de proporções grandes e vastas e cujos braços são longos e robustos, é Vrikodara. O observem bem! O arqueiro poderoso que está sentado ao lado dele, de cor escura e corpo jovem, que parece com o líder de uma manada elefantina, cujos ombros são tão elevados quanto aqueles de um leão, que caminha como um elefante esportivo, e cujos olhos são tão expansivos como as pétalas de um lótus, é o herói chamado Arjuna. Aqueles dois principais dos homens, que estão sentados ao lado de Kunti, são os gêmeos, parecendo com Vishnu e Mahendra. Em todo este mundo de homens eles não têm seus iguais em beleza e força e excelência de conduta. Esta senhora, de olhos tão expansivos quanto pétalas de lótus, que parece ter atingido a meia idade da vida, cuja cor parece com aquela do lótus azul,

e que parece uma deusa do Céu, é Krishna, a forma incorporada da deusa da prosperidade. Ela que está sentada ao lado dela, possuidora da cor do ouro puro, que parece com os raios incorporados da lua, no meio das outras senhoras, é, ó principais dos regenerados, a irmã daquele herói inigualável que maneja o disco. Esta outra, tão formosa quanto ouro puro, é a filha do chefe-cobra e esposa de Arjuna (ou seja, Ulupi). Esta outra cuja cor é como aquela do ouro puro ou como aquela das flores Madhuka, é a princesa Chitrangada. Esta, que possui a cor de um grupo de lotos azuis, é a irmã daquele monarca, aquele senhor de hostes, que sempre costumava desafiar Krishna. Ela é a esposa principal de Vrikodara. Esta é a filha do rei de Magadha que era conhecido pelo nome de Jarasandha. Possuidora da cor de um grupo de Champakas, ela é a esposa do filho mais novo de Madravati. Possuidora de uma cor tão escura quanto aquela do lótus azul, ela que senta lá sobre o chão, e cujos olhos são tão expansivos como pétalas de lótus, é a esposa do filho mais velho de Madravati. Esta dama cuja cor é tão bela quanto aquela do ouro aquecido e que está sentada com seu filho em seu colo é a filha do rei Virata. Ela é a esposa daquele Abhimanyu que, enquanto privado de seu carro, foi morto por Drona e outros lutando de seus carros. (Sugerindo o caráter injusto da luta, pois alguém no chão nunca deveria ser atacado por alguém que está sobre seu carro.) Estas damas, cujos cabelos não mostram a linha repartida, e que estão vestidas de branco, são as viúvas dos filhos mortos de Dhritarashtra. Elas são as noras deste velho rei, as esposas dos seus cem filhos, agora privadas de seus maridos e filhos que foram mortos por inimigos heróicos. Eu agora as indiquei na ordem de precedência. Por sua devoção pelos Brahmanas, suas compreensões e corações estão privados de todo tipo de maldade. Possuidoras de almas puras, todas elas foram indicadas por mim, estas princesas da casa Kaurava, em resposta às suas perguntas."

"Vaisampayana continuou, 'Assim aquele rei da linhagem de Kuru, de idade muito avançada, tendo se reunido com aqueles filhos dele que era uma divindade entre homens, perguntou sobre o bem-estar deles depois que todos os ascetas tinham ido embora. Os guerreiros que tinham acompanhado os Pandavas, deixando o retiro, se sentaram a pouca distância, descendo de seus carros e dos animais que eles montavam. De fato, depois que toda a multidão, as senhoras, os homens idosos e as crianças estavam sentados, o velho rei se dirigiu devidamente a eles, fazendo as perguntas usuais de cortesia.'"

26

"Dhritarashtra disse, 'Ó Yudhishtira, tu estás em paz e felicidade, com todos os teus irmãos e os habitantes da cidade e das províncias? Aqueles que vivem em dependência de ti também estão felizes? Teus ministros e servidores, e todos os mais velhos e preceptores também, estão felizes? Aqueles também que vivem nos teus domínios estão livres do medo? Tu segues a conduta antiga e tradicional dos soberanos de homens? Tua tesouraria está cheia sem desconsiderar as restrições impostas pela justiça e equidade? Tu te comportas como deves com relação aos teus inimigos, neutros, e aliados? Tu cuidas devidamente dos Brahmanas, sempre

fazendo a eles os primeiros presentes (ordenados em sacrifícios e ritos religiosos)? O que eu preciso dizer dos cidadãos, e teus empregados e parentes, os inimigos deles, ó chefe da linhagem de Bharata, estão satisfeitos com teu comportamento? Tu, ó rei de reis, adoras com devoção os Pitris e as divindades? Tu honras convidados com alimento e bebida, ó Bharata? Os Brahmanas nos teus domínios, dedicados aos deveres da sua classe, andam pelo caminho da virtude? Os Kshatriyas e Vaisyas e Sudras também dentro do teu reino, e todos os teus parentes, cumprem seus respectivos deveres? Eu espero que as mulheres, as crianças, e os idosos, entre os teus súditos, não sofram (sob infortúnio) e não mendiguem (as coisas necessárias para a vida). As damas da tua família são devidamente honradas em tua casa, ó melhor dos homens? Eu espero, ó monarca, que esta linhagem de sábios nobres, tendo te obtido como seu rei, não tenha decaído da fama e glória.”

“Vaisampayana continuou, ‘Para o velho rei que tinha falado daquela maneira, Yudhishtira, conhecedor da moralidade e virtude, e bem hábil em ações e palavras, falou o seguinte, fazendo algumas perguntas sobre seu bem-estar.”

"Yudhishtira disse, 'Tua paz, ó rei, teu autodomínio, tua tranquilidade de coração, aumentaram? Esta minha mãe pode te servir sem fadiga e incômodo? Ó rei, sua residência nas florestas será produtiva de resultados? Eu espero que esta rainha, que é minha mãe mais velha, que está emaciada (pela exposição ao) frio e vento e pelo esforço de caminhar, e que está agora dedicada à prática de austeridades severas, não dê mais vazão à dor por seus filhos de energia poderosa, todos os quais, dedicados aos deveres da classe Kshatriya, foram mortos no campo de batalha. Ela acusa a nós, patifes pecaminosos, que somos responsáveis pela morte deles? Onde está Vidura, ó rei? Nós não o vemos aqui. Eu espero que Sanjaya, praticante de penitências, esteja em paz e felicidade.”

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Dhritarashtra respondeu ao rei Yudhishtira, dizendo, 'Ó filho, Vidura está bem. Ele está praticando penitências austeras, subsistindo só de ar, pois ele se abstém de todo outro alimento. Ele está emaciado e suas artérias e nervos se tornaram visíveis. Às vezes ele é visto nesta floresta vazia pelos Brahmanas.' Enquanto Dhritarashtra estava dizendo isso Vidura foi visto a uma distância. Ele tinha madeixas emaranhadas em sua cabeça, e cascalhos em sua boca, e estava extremamente emaciado. Ele estava completamente nu. Seu corpo estava todo coberto com sujeira, e com o pó de várias flores selvagens. Quando Kshatri foi visto de uma distância, o fato foi relatado para Yudhishtira. Vidura parou de repente, ó rei, lançando seus olhos em direção ao retiro (vendo-o povoado por muitos indivíduos). O rei Yudhishtira o perseguiu sozinho, quando ele correu e entrou na floresta profunda, às vezes não visto pelo perseguidor. Ele disse em voz alta, 'Ó Vidura, ó Vidura, eu sou o rei Yudhishtira, teu favorito!' Exclamando dessa maneira, Yudhishtira, com grande esforço, seguiu Vidura. Aquele principal dos homens inteligentes, isto é, Vidura, tendo alcançado um local solitário na floresta, ficou imóvel, se apoiando contra uma árvore. Ele estava extremamente emaciado. Ele reteve somente a forma de um ser humano (todas as suas feições características tendo desaparecido totalmente). Yudhishtira de grande inteligência o reconheceu, no entanto, (apesar

de tal mudança). Permanecendo diante dele, Yudhishtira dirigiu-se a ele, dizendo, 'Eu sou Yudhishtira'. De fato, adorando Vidura apropriadamente, Yudhishtira disse essas palavras na audição de Vidura. Enquanto isso Vidura olhava o rei com um olhar firme. Lançando seu olhar fixo desse modo no rei, ele ficou imóvel em Yoga. Possuidor de grande inteligência, ele então, (por seu poder-Yoga), entrou no corpo de Yudhishtira, membro por membro. Ele uniu seus ares vitais com os ares vitais do rei, e seus sentidos com os sentidos do rei. Realmente, com a ajuda de poder-Yoga, Vidura, resplandecendo com energia, entrou dessa forma no corpo do rei Yudhishtira o justo. Enquanto isso, o corpo de Vidura continuou apoiado contra a árvore, com olhos fixos em um olhar firme. O rei logo viu que a vida tinha fugido dele. Ao mesmo tempo, ele sentiu que ele mesmo tinha ficado mais forte do que antes e que ele tinha adquirido muitas virtudes e habilidades adicionais. Possuidor de grande erudição e energia, o monarca, filho de Pandu, o rei Yudhishtira o justo, então se lembrou do seu próprio estado antes do seu nascimento entre homens. (Yudhishtira era o próprio Dharma, Vidura também era Dharma nascido como um Sudra por causa da maldição do Rishi Animandavya. Ambos, portanto, eram da mesma essência. Quando Vidura deixou seu corpo humano, ele entrou no corpo de Yudhishtira e desse modo o último se sentiu grandemente fortalecido pela acessão.) Dotado de energia poderosa, ele tinha ouvido sobre a prática de Yoga de Vyasa. O rei Yudhishtira o justo, possuidor de grande erudição, desejou fazer os últimos ritos do corpo de Vidura, e desejou cremá-lo devidamente. Uma voz invisível foi ouvida então, dizendo, 'Ó rei, este corpo que pertenceu a ele chamado Vidura não deve ser cremado. Nele está teu corpo também. Ele é a divindade eterna da Justiça. Aquelas regiões de felicidade que são conhecidas pelo nome de Santanika serão dele, ó Bharata. Ele foi um cumpridor dos deveres de Yatis. Tu não deves, ó opressor de inimigos, te afligir por ele absolutamente.' Assim endereçado, o rei Yudhishtira o justo voltou daquele local, e relatou tudo para o filho nobre de Vichitravirya. Nisto, aquele rei de grande esplendor, todos aqueles homens, e Bhimasena e outros, ficaram muito admirados. Ouvindo o que tinha acontecido, o rei Dhritarashtra ficou satisfeito e então, se dirigindo ao filho de Dharma, disse, 'Aceite de mim estes presentes de água e raízes e frutas. É dito, ó rei, que o convidado de alguém deve consumir aquilo que seu próprio anfitrião consome.' Assim endereçado, o filho de Dharma respondeu ao rei, dizendo, 'Assim seja.' O rei de braços poderosos comeu as frutas e raízes que o monarca lhe deu. Então todos eles espalharam suas camas sob uma árvore e passaram aquela noite assim, tendo comido frutas e raízes e bebido a água que o velho rei lhes tinha dado."

27

"Vaisampayana disse, 'Dessa maneira eles passaram aquela noite que foi caracterizada por constelações auspiciosas, ó rei, naquele retiro de ascetas virtuosos. A conversa que ocorreu foi caracterizada por muitas reflexões sobre moralidade e riqueza. Consistindo em palavras encantadoras e gentis, ela era agraciada com diversas citações dos Srutis. Os Pandavas, ó rei, deixando camas caras, se deitaram perto de sua mãe, no solo nu. De fato, aqueles heróis

passaram aquela noite, tendo comido a comida que era o alimento do rei Dhritarashtra de grande alma. Depois que a noite tinha passado, o rei Yudhishtira, tendo passado por suas ações matinais, procedeu para conhecer aquele retiro na companhia de seus irmãos. Com as damas de sua família e os empregados, e seu sacerdote, o rei vagou pelo retiro em todas as direções, como ele queria, por ordem de Dhritarashtra. Ele contemplou muitos altares sacrificais com fogos sagrados brilhando sobre eles e muitos ascetas sentados neles, que tinham realizado suas oblações e derramado libações em honra das divindades. Aqueles altares eram cobertos com frutas e raízes da floresta, e com pilhas de flores. A fumaça de manteiga clarificada espiralava para cima deles. Eles eram agraciados, além disso, com muitos ascetas possuidores de corpos que pareciam com os Vedas incorporados e com muitos que pertenciam à fraternidade secular. Bandos de veados estavam pastando, ou descansando aqui e ali, livres de todo medo. Inúmeras aves também estavam lá, empenhadas em proferir suas notas melodiosas, ó rei. Toda a floresta parecia ressoar com as notas de pavões e Datyugas e Kokilas e com as doces canções de outros cantores. Alguns locais ecoavam com o canto de hinos Védicos recitados por Brahmanas eruditos. Alguns estavam adornados com pilhas grandes de frutas e raízes colhidas na selva. O rei Yudhishtira então deu àqueles ascetas jarros feitos de ouro ou cobre os quais ele tinha levado para eles, e muitas camurças e cobertores e conchas sacrificais feitas de madeira, e Kamandalus e travessas de madeira, e panelas e cântaros, ó Bharata. Diversos tipos de recipientes, feitos de ferro, e vasilhas menores e xícaras de vários tamanhos, também foram dados pelo rei, os ascetas os levando, cada um tanto quanto ele queria. O rei Yudhishtira de alma justa, tendo assim vagado pelas florestas e visto os diversos retiros de ascetas e feito muitos presentes, voltou para o local onde seu tio estava. Ele viu o rei Dhritarashtra, aquele senhor da Terra, à vontade, com Gandhari junto dele, depois de ter terminado seus ritos matinais. O monarca de alma justa viu também sua mãe, Kunti, sentada não muito longe daquele lugar, como um discípulo com cabeça inclinada, dotada de humildade. Ele saudou o velho rei, proclamando seu nome. 'Sente-se' foram as palavras que o velho rei disse. Recebendo a permissão de Dhritarashtra, Yudhishtira se sentou em uma esteira de grama Kusa. Então os outros filhos de Pandu com Bhima entre eles, ó tu da linhagem de Bharata, saudaram o rei e tocaram seus pés e se sentaram, recebendo sua permissão. O velho rei Kuru, cercado por eles, parecia extremamente belo. De fato, ele resplandecia com um esplendor Védico como Vrihaspati no meio dos celestiais. Depois que eles tinham se sentado, muitos grandes Rishis, isto é, Satayupa e outros, que eram habitantes de Kurukshetra, chegaram lá. O ilustre e erudito Vyasa, possuidor de grande energia, e reverenciado até pelos Rishis celestes, se mostrou, à frente de seus numerosos discípulos, para Yudhishtira. O rei Kuru Dhritarashtra, o filho de Kunti Yudhishtira de grande energia, e Bhimasena e outros, se levantaram e avançando uns poucos passos, saudaram aqueles convidados. Aproximando-se, Vyasa, cercado por Satayupa e outros, se dirigiu ao rei Dhritarashtra, dizendo, 'Sente-se.' O ilustre Vyasa então tomou um assento excelente feito de grama Kusa colocado sobre uma pele preta de veado e coberto com um pedaço de tecido de seda. Eles tinham reservado aquele assento para ele. Depois que Vyasa estava sentado, todas aquelas principais das pessoas

regeneradas, dotadas de energia abundante, se sentaram, tendo recebido a permissão do sábio nascido na ilha.”

28

"Vaisampayana disse, 'Depois que todos os Pandavas de grande alma estavam sentados, Vyasa, o filho de Satyavati, disse, 'Ó Dhritarashtra de braços poderosos, tu tens podido realizar penitências? Tua mente, ó rei, está satisfeita com tua residência nas florestas? A dor que era tua, nascida da morte dos teus filhos em batalha, desapareceu do teu coração? Todas as tuas percepções, ó impecável, estão claras agora? Tu praticas as ordenanças da vida na floresta depois de teres feito teu coração firme? Minha nora, Gandhari, se permite ser dominada pela dor? Ela possui grande sabedoria. Dotada de inteligência, aquela rainha compreende Religião e Riqueza. Ela conhece bem as verdades que se relacionam com prosperidade e adversidade. Ela ainda sofre? Kunti, ó rei, que por sua dedicação ao serviço de seus superiores, deixou seus filhos, se encarrega das tuas necessidades e te serve com toda humildade? O rei generoso e de grande alma, Yudhishtira, o filho de Dharma, e Bhima e Arjuna e os gêmeos foram confortados suficientemente? Tu sentes prazer em vê-los? Tua mente ficou livre de toda mácula? Tua disposição, ó rei, se tornou pura em consequência do aumento do teu conhecimento? Este agregado de três, ó rei, é o principal de todos os assuntos, ó Bharata, isto é, abstenção de dano para qualquer criatura, veracidade, e liberdade de raiva. Tua vida na floresta demonstrou ser dolorosa para ti? Tu és capaz de obter com teus próprios esforços os produtos da selva para tua alimentação? Os jejuns te causam alguma dor agora? Tu soubeste, ó rei, como Vidura de grande alma, que era o próprio Dharma, deixou este mundo? Por causa da maldição de Mandavya a divindade da Justiça nasceu como Vidura. Ele possuía uma grande inteligência. Dotado de penitências superiores, ele era generoso e de grande alma. Nem Vrihaspati entre os celestiais, e Sukra entre os Asuras, eram possuidores de tal inteligência como aquele principal dos homens. A eterna divindade da Justiça foi entorpecida pelo Rishi Mandavya com um gasto de suas penitências obtidas por um longo tempo com grande cuidado. (Toda vez que um Brahmana amaldiçoava outro, suas penitências sofriam uma diminuição. Perdão era a maior virtude de um Brahmana. Seu poder se encontrava na clemência. Por isso, quando Mandavya amaldiçoou Dharma, ele teve que gastar uma parte de suas penitências ganhas com empenho. Previamente, o argumento de menoridade não podia ser usado na corte de Dharma. Mandavya forçou Dharma a admitir aquele argumento a respeito da punição de delitos.) Por ordem do avô, e pela minha própria energia, Vidura de grande inteligência foi gerado por mim em um solo pertencente a Vichitravirya. A divindade das divindades, e eterna, ele era, ó rei, teu irmão. Os eruditos o conhecem como Dharma por suas práticas de Dharana e Dhyana. (Dharana e Dhyana são processos ou, antes, estágios de Yoga. O primeiro implica a fixação da mente em uma coisa; o último é a abstração da mente de objetos circundantes.) Ele cresce com (o aumento de) verdade, autocontrole, tranquilidade de coração, compaixão, e caridade. Ele está sempre ocupado em penitências, e é eterno. Daquela divindade da Justiça, por meio de

poder de Yoga, o rei Kuru Yudhishtira também teve seu nascimento. Yudhishtira, portanto, ó rei, é Dharma de grande sabedoria e inteligência incomensurável. Dharma existe aqui e após a morte, e é como fogo ou vento ou água ou terra ou espaço. Ele é, ó rei de reis, capaz de ir a todo lugar e existe, permeando o universo inteiro. Ele pode ser visto somente por aquelas que são as principais das divindades e aqueles que estão limpos de todo pecado e coroados com sucesso ascético. Aquele que é Dharma é Vidura; e aquele que é Vidura é o filho (mais velho) de Pandu. Aquele filho de Pandu, ó rei, pode ser percebido por ti. Ele permanece diante de ti como teu servidor. Dotado de grande força-Yoga, teu irmão de grande alma, aquele principal dos homens inteligentes, vendo Yudhishtira de grande alma, o filho de Kunti, entrou em seu corpo. Estes também, ó chefe da linhagem de Bharata, eu unirei com grande benefício. Saiba, ó filho, que eu vim aqui para dissipar tuas dúvidas. Algum feito que nunca foi realizado antes por nenhum dos grandes Rishis, algum efeito extraordinário das minhas penitências, eu te mostrarei. Qual objetivo é aquele, ó rei, cuja realização tu desejas de mim? Diga-me o que é que tu desejas ver ou pedir ou ouvir? Ó impecável, eu irei realizá-lo.”

29

"Janamejaya disse, 'Diga-me, ó Brahmana erudito, qual foi o feito extraordinário que o grande Rishi Vyasa de energia superior realizou depois da sua promessa para o velho rei, feita quando Dhritarashtra, aquele senhor da Terra, aquele principal da linhagem de Kuru, tinha tomado sua residência na floresta, com sua esposa e com sua nora Kunti; e depois, de fato, que Vidura tinha deixado seu próprio corpo e entrado em Yudhishtira, e quando todos os filhos de Pandu estavam permanecendo no retiro ascético. Por quantos dias o rei Kuru Yudhishtira de glória imorredoura ficou, com seus homens, nas florestas? De qual alimento, ó poderoso, os Pandavas de grande alma se sustentaram, com seus homens, e esposas, enquanto eles viveram nas florestas? Ó impecável, me diga isso.'"

"Vaisampayana disse, 'Com a permissão do rei Kuru, os Pandavas, ó monarca, com suas tropas e as damas de sua família, se sustentaram de diversos tipos de alimento e bebida e passaram cerca de um mês em grande felicidade naquela floresta. Perto do fim daquele período, ó impecável, Vyasa chegou lá. Enquanto todos aqueles príncipes estavam sentados ao redor de Vyasa, envolvidos em conversas sobre diversos assuntos, outros Rishis chegaram àquele local. Eles eram Narada, e Parvata e Devala de penitências austeras, e Viswvasu e Tumvuru, e Chitrasena, ó Bharata, dotados de penitências severas. O rei Kuru Yudhishtira, com a permissão de Dhritarashtra, os adorou de acordo com os ritos devidos. Tendo obtido aquele culto de Yudhishtira, todos se sentaram em assentos sagrados (feitos de grama Kusa), como também sobre assentos excelentes feitos de penas de pavão. Depois que todos eles tinham tomado seus assentos, o rei Kuru de grande inteligência sentou-se lá, cercado pelos filhos de Pandu. Gandhari e Kunti e Draupadi, e ela da tribo Sattwata, e outras damas da

família real também se sentaram. A conversação que então começou foi excelente e se referia a tópicos ligados com piedade, e os Rishis de antigamente, e as divindades e os Asuras. No fim daquela conversação, Vyasa de grande energia, aquele principal dos homens eloquentes, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, altamente satisfeito, se dirigiu ao monarca cego e disse mais uma vez, 'Queimando como tu estás com aflição por causa dos teus filhos, eu sei, ó rei de reis, qual objetivo é nutrido por ti em teu coração. A tristeza que sempre existe no coração de Gandhari, aquela que existe no coração de Kunti, e aquela também que é nutrida por Draupadi em seu coração, e aquela dor ardente, por causa da morte de seu filho, que Subhadra, a irmã de Krishna, também nutre, são todas conhecidas por mim. Sabendo deste encontro, ó rei, de ti com todos estes príncipes e princesas da tua casa, eu vim para cá, ó encantador dos Kauravas, para dissipar tuas dúvidas. Que as divindades e Gandharvas, e todos estes grandes Rishis vejam hoje a energia daquelas penitências que eu tenho adquirido por estes longos anos. Portanto, ó rei, me diga qual desejo teu eu concederei hoje. Eu sou poderoso suficiente para te conceder uma bênção. Contemple o resultado das minhas penitências.' Assim endereçado por Vyasa de compreensão incomensurável, o rei Dhritarashtra refletiu por um momento e então se preparou para falar. Ele disse, 'Eu sou extremamente afortunado. Eu sou afortunado em obter teu favor. Minha vida é coroada com sucesso hoje, já que este encontro ocorreu entre mim e vocês todos de grande piedade. Hoje eu alcançarei aquela meta altamente feliz que está reservada para mim, já que, ó ascetas dotados de riqueza de penitências, vocês que são iguais ao próprio Brahma, eu consegui obter este encontro com vocês todos. Não há a menor dúvida que esta visão que eu obtive de vocês todos me purificou de todo pecado. Ó impecáveis, eu não tenho mais nenhum medo com relação ao meu fim no mundo seguinte. Cheio como eu estou de amor por meus filhos, eu sempre nutro sua lembrança. Minha mente, no entanto, está sempre torturada pela recordação dos diversos atos de injúria os quais meu filho perverso de compreensão extremamente má cometeu. Possuidor de uma compreensão pecaminosa, ele sempre perseguiu os Pandavas inocentes. Ai, a Terra inteira foi devastada por ele com seus corcéis, elefantes e homens. Muitos reis de grande alma, soberanos de diversos reinos, vieram para o lado do meu filho e sucumbiram à morte. Ai, deixando seus queridos pais e esposas e seus próprios ares vitais, todos aqueles heróis se tornaram convidados do rei dos mortos. Que fim, ó regenerado, foi alcançado por aqueles homens que foram mortos, por causa de seu amigo, em batalha? Que fim também foi alcançado por meus filhos e netos que morreram no combate? Meu coração está sempre atormentado pelo pensamento de eu ter ocasionado a morte do poderoso Bhishma, o filho de Santanu, e de Drona, aquele principal dos Brahmanas, por causa do meu filho tolo e pecaminoso que era um ofensor de seus amigos. Desejoso de obter a soberania da Terra, ele fez a linhagem Kuru, resplandecendo com prosperidade, ser aniquilada. Refletindo sobre tudo isso, eu queimo dia e noite com aflição. Profundamente afligido pela angústia e aflição, eu não posso obter paz mental. De fato, ó pai, pensando em tudo isso, eu não tenho paz mental.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ouvindo essas lamentações daquele sábio real expressas de diversas maneiras, a dor de Gandhari, ó Janamejaya, se renovou. A dor de Kunti também, da filha de Drupada, de Subhadra, e dos outros membros, homens e mulheres, e das noras, da linhagem Kuru, se renovaram igualmente. A rainha Gandhari, com olhos enfaixados, unindo suas mãos, se dirigiu ao seu sogro. Profundamente afligida pela angústia por causa da morte de seus filhos, ela disse, 'Ó principal dos ascetas, dezesseis anos passaram sobre a cabeça deste rei sofrendo pela morte de seus filhos e privado de paz mental. Afligido pela tristeza por causa da morte de seus filhos, este rei Dhritarashtra sempre respira pesadamente, e nunca dorme à noite. Ó grande Rishi, através do poder das tuas penitências tu és competente para criar novos mundos. O que eu preciso dizer então sobre mostrar para este rei seus filhos que estão agora no outro mundo? Esta Krishna, a filha de Drupada, perdeu todos os seus parentes e filhos. Por isso, ela que é a mais querida das minhas noras sofre excessivamente. A irmã de Krishna, isto é, Subhadra de fala gentil, queimando com a perda de seu filho, sofre profundamente igualmente. Esta dama que é respeitada por todos, que é a esposa de Bhurisravas, afligida com tristeza por causa do destino que alcançou seu marido, sempre se abandona em lamentos de partir o coração. Seu sogro era o inteligente Valhika da linhagem de Kuru. Ai, Somadatta também foi morto, junto com seu pai, na grande batalha! (Valhika era o pai de Somadatta e o avô de Bhurisravas.) Ai, uma centena de filhos, heróis que nunca recuavam da batalha, pertencentes a este teu filho, este rei de grande inteligência e prosperidade, foram mortos em batalha. As cem esposas daqueles filhos estão todas sofrendo e aumentando a dor do rei e a minha repetidamente. Ó grande asceta, feridas por aquela grande matança, elas se reuniram ao meu redor. Ai, aqueles heróis de grande alma, aqueles grandes guerreiros em carros, meus sogros, Somadatta e outros, ai, o que aconteceu com eles, ó pujante? Pela tua graça, ó santo, acontecerá aquilo por consequência do qual este senhor da Terra, eu mesma, e esta tua nora, isto é, Kunti, seremos todos libertados da nossa dor.' Depois que Gandhari tinha dito isso, Kunti, cuja aparência tinha se tornado debilitada pela observância de muitos votos difíceis, começou a pensar em seu filho nascido em segredo dotado de refulgência solar. O Rishi Vyasa concessor de bênçãos, capaz de ver e ouvir o que acontecia a uma distância remota viu que a mãe nobre de Arjuna estava aflita. Para ela Vyasa disse, 'Diga-me, ó abençoada, o que está em tua mente. Diga-me o que tu desejas dizer.' Nisto, Kunti, inclinando sua cabeça para seu sogro e dominada pela timidez, disse estas palavras para ele, relativas às ocorrências do passado.'"

30

"Kunti disse, 'Ó santo, tu és meu sogro e, portanto, minha divindade das divindades. Realmente, tu és meu deus dos deuses. Ouça minhas palavras de verdade. Um asceta chamado Durvasas, que é da classe regenerada e que é cheio de ira, chegou à casa do meu pai em busca de caridade. Eu tive sucesso em satisfazê-lo pela pureza do meu comportamento externo e da minha mente, como também por me recusar a notar os muitos males que ele fez. Eu não dei vazão à

raiva embora houvesse muito em seu comportamento bastante capaz de excitar aquele sentimento. Servido com cuidado, o grande asceta ficou muito satisfeito comigo e disposto a me conceder um benefício. 'Tu deves aceitar o benefício que eu darei,' foram suas palavras para mim. Temendo sua maldição, eu respondi a ele dizendo, 'Assim seja.' O Rishi regenerado mais uma vez disse para mim, 'Ó donzela abençoada, ó tu de rosto belo, tu te tornarás a mãe de Dharma. Aquelas divindades a quem tu convocares serão obedientes a ti.' Tendo dito aquelas palavras, aquele regenerado desapareceu da minha visão. Eu fiquei muito surpresa. O mantra, no entanto, que o Rishi me deu permaneceu na minha memória todo o tempo. Um dia, sentada dentro do meu quarto eu vi o sol nascendo. Desejando trazer o fazedor do dia diante de mim, eu me lembrei das palavras do Rishi. Sem nenhuma consciência do erro que eu cometia, eu convoquei a divindade por mera infantilidade. A divindade, entretanto, de mil raios, (convocada por mim) veio à minha presença. Ele se dividiu em dois. Com uma parte ele estava no firmamento, e com a outra ele ficou na Terra diante de mim. Com uma ele aquecia os mundos e com outra ele se aproximou de mim. Ele me disse, enquanto eu tremia à sua visão, estas palavras, 'Peça-me uma bênção.' Reverenciando-o com minha cabeça, eu pedi a ele para me deixar. Ele me respondeu dizendo, 'Eu não posso suportar a idéia de vir a ti inutilmente. Eu consumirei a ti como também aquele Brahmana que te deu o Mantra como um benefício.' O Brahmana não tinha feito nenhum mal, eu desejei protegê-lo da maldição de Surya. Eu, portanto, disse, 'Que eu tenha um filho como tu, ó deus.' A divindade de mil raios então me penetrou com sua energia e me entorpeceu completamente. Ele então me disse, 'Tu terás um filho,' e então voltou para o firmamento. Eu continuei a viver nos aposentos internos, e desejosa de proteger a honra do meu pai eu lancei nas águas aquele meu filho recém-nascido chamado Karna, que dessa maneira veio ao mundo secretamente. Sem dúvida, pela graça daquele deus, eu me tornei uma virgem mais uma vez, ó regenerado, assim como o Rishi Durvasas tinha me dito. Tola que eu sou, embora ele soubesse que eu era sua mãe quando ele cresceu, eu, contudo não fiz nenhum esforço para reconhecê-lo. Isso me atormenta, ó Rishi regenerado, como é bem sabido por ti. Se isto é pecaminoso ou não, eu te disse a verdade. Cabe a ti, ó santo, satisfazer o desejo ardente que eu tenho de ver aquele meu filho. Ó principal dos ascetas, que este rei também, ó impecável, obtenha a realização hoje daquele desejo que ele nutre em seu peito e que se tornou conhecido por ti.' Assim endereçado por Kunti, Vyasa, aquela principal de todas as pessoas, disse para ela em resposta, 'Abençoada sejas tu; tudo o que tu me disseste acontecerá. (Com relação ao nascimento de Karna), nenhuma falha é atribuível a ti. Tu foste restaurada à virgindade. As divindades são possuidoras de força (Yoga). Elas podem penetrar corpos humanos. (A força aqui referida é aquela de Anima, Laghima, etc., isto é, a capacidade de se tornar minúsculo e sutil, etc.) Há divindades. Eles geram (prole) só pelo pensamento. Por meio de palavra, por visão, por toque, e por união sexual, também, eles geram filhos. Esses são os cinco métodos. Tu pertences à ordem da humanidade. Tu não tens culpa (no que aconteceu). Saiba disso, ó Kunti. Que a febre do teu coração seja dissipada. Para aqueles que são poderosos, tudo é apropriado. Para aqueles que são poderosos, tudo é puro. Para

aqueles que são poderosos, tudo é meritório. Para aqueles que são poderosos, tudo é seu próprio.”

31

"Vyasa disse, 'Abençoada sejas tu, ó Gandhari, tu verás teus filhos e irmãos e amigos e parentes junto com teus antepassados esta noite como homens levantados do sono. Kunti também verá Karna, e ela da linhagem de Yadu verá seu filho Abhimanyu. Draupadi verá seus cinco filhos, seus antepassados, e seus irmãos também. Mesmo antes de vocês terem me pedido, esse era o pensamento em minha mente. Eu tinha esse propósito quando eu fui incitado nesse sentido pelo rei, por ti, ó Gandhari, e por Kunti. Tu não deves sofrer por aqueles principais dos homens. Eles encontraram com a morte por causa de sua dedicação às práticas estabelecidas de Kshatriyas. Ó impecável, o trabalho dos deuses tinha que ser executado. Foi para realizar aquele objetivo que aqueles heróis vieram para a Terra. Eles eram todos porções das divindades. Gandharvas e Apsaras, e Pisachas e Guhyakas e Rakshasas, muitas pessoas de grande santidade, muitos indivíduos coroados com sucesso (de penitências), Rishis celestes, divindades e Danavas e Rishis celestiais de caráter imaculado, encontraram com a morte no campo de batalha de Kurukshetra. (O sentido é que aqueles que se encarnaram como seres humanos e lutaram uns com os outros encontraram com a morte com relação à sua existência humana.) É sabido que ele que era o inteligente rei dos Gandharvas, e chamado Dhritarashtra, nasceu no mundo dos homens como teu marido Dhritarashtra. Saiba que Pandu de glória imperecível e distinto acima de todos os outros surgiu dos Maruts. Kshatri e Yudhishtira são ambos porções da divindade da Justiça. Saiba que Duryodhana era Kali, e Sakuni era Dwapara. Ó tu de boas feições, saiba que Dussasana e outros eram todos Rakshasas. Bhimasena de grande poder, aquele castigador de inimigos, é dos Maruts. Saiba que Dhananjaya, o filho de Pritha, é o antigo Rishi Nara. Hrishikesa é Narayana, e os gêmeos são os Aswins. O principal daqueles que dão calor, isto é, Surya, tendo dividido seu corpo em dois, continuou com uma porção a dar calor para os mundos e com outra a viver (na Terra) como Karna. Aquele que nasceu como o filho de Arjuna, aquele alegrador de todos, aquele herdeiro das posses dos Pandavas, que foi morto por seis grandes guerreiros em carros (lutando juntos), era Soma. Ele nasceu de Subhadra. Através de força-Yoga ele tinha se dividido em dois. Dhritadyumna, que surgiu com Draupadi do fogo sacrificial, era uma porção auspiciosa da divindade do fogo. Sikhandin era um Rakshasa. Saiba que Drona era uma porção de Vrihaspati, e que o filho de Drona nasceu de uma porção de Rudra. Saiba que Bhishma, o filho de Ganga, era um dos Vasus que veio a nascer como um ser humano. Dessa maneira, ó tu de grande sabedoria, as divindades tomaram nascimento como seres humanos, e depois de terem realizado seus propósitos voltaram para o Céu. Aquela tristeza que está nos corações de vocês todos, relativa ao retorno destes para o outro mundo, eu dissiparei hoje. Vão vocês todos para o Bhagirathi. Vocês então verão todos aqueles que foram mortos no campo de batalha.”

"Vaisampayana continuou, 'Todas as pessoas lá presentes, tendo ouvido as palavras de Vyasa, proferiram um grito leonino alto e então procederam em direção ao Bhagirathi. Dhritarashtra com todos os seus ministros e os Pandavas, como também com todos aqueles principais dos Rishis e Gandharvas que tinham ido lá, puseram-se a caminho como ordenados. Chegando às margens de Ganga, aquele mar de homens tomou sua residência como lhes agradava. O rei possuidor de grande inteligência, com os Pandavas, tomou sua residência em um local desejável, junto com as senhoras e os idosos de sua família. Eles passaram aquele dia como se ele fosse um ano inteiro, esperando pela chegada da noite quando eles iriam ver os príncipes falecidos. O Sol então alcançou a montanha sagrada no oeste e todas aquelas pessoas, tendo se banhado no rio sagrado, terminaram seus ritos noturnos.'"

32

"Vaisampayana disse, 'Quando chegou a noite, todas aquelas pessoas, tendo terminado seus ritos noturnos, se aproximaram de Vyasa. Dhritarashtra de alma virtuosa, com corpo purificado e com mente dirigida somente para isto, sentou-se lá com os Pandavas e os Rishis em sua companhia. As damas da família real se sentaram com Gandhari em um local retirado. Todos os cidadãos e os habitantes das províncias se agruparam de acordo com suas idades. Então o grande asceta, Vyasa, de energia imensa, se banhando nas águas sagradas do Bhagirathi, convocou todos os guerreiros falecidos, isto é, aqueles que tinham lutado no lado dos Pandavas, aqueles que tinham lutado pelos Kauravas, incluindo reis altamente abençoados pertencentes a diversos reinos. Nisto, ó Janamejaya, um tumulto ensurdecedor foi ouvido se erguer de dentro das águas, parecendo com aquele era ouvido antigamente dos exércitos dos Kurus e dos Pandavas. Então aqueles reis, encabeçados por Bhishma e Drona, com todas as suas tropas, se ergueram aos milhares das águas do Bhagirathi. Lá estavam Virata e Drupada, com seus filhos e tropas. Lá estavam os filhos de Draupadi e o filho de Subhadra, e o Rakshasa Ghatotkacha. Lá estavam Karna e Duryodhana, e o poderoso guerreiro em carro Sakuni, e os outros filhos, dotados de grande força, de Dhritarashtra, encabeçados por Dussasana. Lá estava o filho de Jarasandha, e Bhagadatta, e Jalasandha de grande energia, e Bhurisravas, e Sala, e Salya, e Vrishasena com seu irmão mais novo. Lá estavam o príncipe Lakshmana (o filho de Duryodhana), e o filho de Dhrishtadyumna, e todos os filhos de Sikhandin, e Dhrishtaketu, com seu irmão mais novo. Lá estavam Achala e Vrishaka, e o Rakshasa Alayudha, e Valhika, e Somadatta, e o rei Chekitana. Esses e muitos outros, que por seu número não podem ser citados convenientemente, apareceram naquela ocasião. Todos eles ergueram-se das águas do Bhagirathi, com corpos resplandecentes. Aqueles reis apareceram, cada um vestido naquele traje e equipado com aquele estandarte e aquele veículo os quais ele tinha enquanto lutando no campo. Todos eles estavam agora vestidos em vestimentas celestes e todos tinham brincos brilhantes. Eles estavam livres de toda animosidade e orgulho, e privados de ira e ciúme. Gandharvas cantavam seus louvores, e bardos os serviam, cantando seus feitos. Vestidos em vestimentas

celestiais e guirlandas celestiais, cada um deles era servido por grupos de Apsaras. Naquela hora, pela força de suas penitências, o grande asceta, o filho de Satyavati, satisfeito com Dhritarashtra, deu a ele visão divina. Dotada de conhecimento e força divinos, Gandhari de grande fama viu todos os seus filhos como também todos os que tinham sido mortos em batalha. Todas as pessoas lá reunidas contemplaram com olhar fixo e com corações cheios de admiração aquele fenômeno estupendo e inconcebível que fez os pelos em seus corpos se arrepiarem. Ele parecia com uma grande festança de homens e mulheres alegres. Aquela cena maravilhosa parecia com um quadro pintado em tela. Dhritarashtra, vendo todos aqueles heróis com sua visão divina obtida pela graça daquele sábio, ficou cheio de alegria, ó chefe da linhagem de Bharata.”

33

"Vaisampayana disse, 'Então, aqueles principais dos homens, privados de ira e ciúme e limpos de todo pecado, se reuniram uns com os outros, de acordo com aquelas ordenanças superiores e auspiciosas que tinham sido formuladas por Rishis regenerados. Todos eles estavam felizes e pareciam com deuses se movendo no Céu. Filho encontrou com pai ou mãe, esposas com maridos, irmão com irmão, e amigo com amigo, ó rei. Os Pandavas, cheios de alegria, encontraram com o poderoso arqueiro Karna como também com o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi. Com corações felizes os filhos de Pandu se aproximaram de Karna, ó monarca, e se reconciliaram com ele. Todos aqueles guerreiros, ó chefe da linhagem de Bharata, se encontrando uns com os outros pela graça do grande asceta, se reconciliaram uns com os outros. Rejeitando toda hostilidade, eles ficaram estabelecidos em amizade e paz. Foi exatamente assim que todos aqueles principais dos homens, isto é, os Kauravas e outros reis, se uniram com os Kurus e outros parentes deles como também com seus filhos. Aquela noite inteira eles passaram em grande felicidade. De fato, os guerreiros Kshatriya, pela felicidade que eles sentiram, consideraram aquele local como o próprio Céu. Não havia aflição, nenhum medo, nenhuma suspeita, nenhum descontentamento, nenhuma repreensão naquela região, quando aqueles guerreiros, ó monarca, se encontraram uns com os outros naquela noite. Reunindo-se com seus pais e irmãos e maridos e filhos, as damas rejeitaram toda tristeza e sentiram grandes arrebatamentos de deleite. Tendo se divertido uns com os outros assim por uma noite, aqueles heróis e aquelas damas, abraçando uns aos outros e se despedindo, retornaram para os lugares de onde eles tinham vindo. De fato, aquele principal dos ascetas despediu aquela multidão de guerreiros. Dentro de um piscar de olhos aquela grande multidão desapareceu na própria visão de todas aquelas pessoas (vivas). Aquelas pessoas de grande alma, mergulhando no rio sagrado Bhagirathi procederam, com seus carros e estandartes, para suas respectivas residências. Alguns foram para as regiões dos deuses, alguns para a região de Brahman, alguns para a região de Varuna, e alguns para a região de Kuvera. Alguns entre aqueles reis procederam para a região de Surya. Entre os Rakshasas e Pisachas alguns procederam para o país dos Uttara-Kurus. Outros, movendo-se em posturas encantadoras, foram na

companhia das divindades. Dessa forma todas aquelas pessoas de grande alma desapareceram com seus veículos e animais e com todos os seus seguidores. Depois que todos eles tinham ido embora, o grande sábio, que estava em pé nas águas da corrente sagrada, isto é, Vyasa de grande virtude e energia, aquele benfeitor dos Kurus, então se dirigiu àquelas senhoras Kshatriya que tinham se tornado viúvas, e disse estas palavras, 'Que aquelas entre estas principais das mulheres que estiverem desejosas de alcançar as regiões adquiridas por seus maridos se livrem de toda indolência e mergulhem rapidamente na sagrada Bhagirathi.' Ouvindo essas palavras dele, aquelas damas mais notáveis, colocando fé nelas, receberam a permissão de seu sogro e então mergulharam nas águas do Bhagirathi. Livres dos corpos humanos, aquelas damas castas então procederam, ó rei, com seus maridos, para as regiões adquiridas pelos últimos. Exatamente assim, aquelas damas de conduta virtuosa, devotadas a seus maridos, entrando nas águas do Bhagirathi, se tornaram livres de suas habitações mortais e obtiveram a companhia de seus maridos nas regiões adquiridas por eles. Dotadas de formas celestes, e adornadas com ornamentos celestes, e vestindo roupas e guirlandas celestes, elas procederam para aquelas regiões onde seus maridos tinham encontrado suas residências. Possuidoras de comportamento excelente e muitas virtudes, suas ansiedades todas dissipadas, elas foram vistas em carros excelentes, e dotadas de toda habilidade elas encontraram aquelas regiões de felicidade que eram delas por direito. Dedicado aos deveres de piedade, Vyasa, naquela ocasião, se tornando um concessor de benefícios, concedeu para todos os homens lá reunidos a realização dos desejos que eles nutriam respectivamente. Pessoas de diversos reinos, ouvindo a respeito desse encontro entre os mortos santificados e seres humanos vivos, ficaram muito encantados. Aquele homem que escuta devidamente a esta narrativa encontra com tudo o que lhe é precioso. De fato, ele obtém todos os objetos agradáveis aqui e após a morte. Aquele homem de erudição e ciência, aquela principal das pessoas justas, que repete essa narrativa para a audição de outros adquire grande fama aqui e um fim auspicioso após a morte, como também uma união com parentes e todos os objetos desejáveis. Tal homem não tem que passar por trabalho doloroso por causa de seu sustento, e encontra com todos os tipos de objetos auspiciosos em vida. Essas mesmas são as recompensas colhidas por uma pessoa que, dotada de dedicação aos estudos Védicos e de penitências, repete essa narrativa na audição de outros. Aquelas pessoas que, possuidoras de boa conduta, dedicadas ao autodomínio, purificadas de todos os pecados pelas doações que elas fazem, dotadas de sinceridade, tendo almas tranquilas, livres de falsidade e do desejo de ferir outros, adornadas com fé, crença nas escrituras, e inteligência, ouvem este parvan extraordinário, certamente alcançam a meta mais elevada após a morte."

34

"Sauti disse, 'Ouvindo essa história do reaparecimento e partida de seus antepassados, o rei Janamejaya de grande inteligência ficou muito satisfeito. Cheio de alegria, ele mais uma vez questionou Vaisampayana sobre o assunto da

reparição dos homens mortos, dizendo, 'Como é possível para pessoas cujos corpos foram destruídos reaparecerem naquelas mesmas formas?' Assim questionado, aquela principal das pessoas regeneradas, isto é, o discípulo de Vyasa, aquele principal dos oradores, possuidor de grande energia, respondeu para Janamejaya dessa maneira.”

"Vaisampayana disse, 'Isto é certo, isto é, que ações nunca são destruídas (sem suas consequências serem desfrutadas ou suportadas). Corpos, ó rei, são nascidos de atos; assim também são feições. Os grandes elementos primordiais são eternos (indestrutíveis) por consequência da união com eles do Senhor de todos os seres. Eles existem com o que é eterno. Consequentemente, eles não têm destruição quando os não eternos são destruídos. Ações feitas sem esforço são verdadeiras e principais, e dão resultado real. A alma, embora unida com tais atos que requerem esforço para sua realização, desfruta de prazer e dor. (A religião de Pravritti consiste em atos que precisam de esforço para sua realização. A religião de Nivritti ou abstenção de ações é citada aqui como verdadeira e superior, e produtiva de fruto real, na forma de Emancipação. A alma, no entanto, na maioria dos casos, unida com os atos feitos em busca da religião de Pravritti, se torna incorporada e, portanto, desfruta de felicidade ou suporta miséria como possa ser o caso.) Embora unida dessa maneira (isto é, com prazer e dor), contudo é uma inferência certa que a alma nunca é modificada por eles, como o reflexo de criaturas em um espelho. Ela nunca é destruída. (O sentido parece ser este: quando uma criatura permanece diante de um espelho, sua imagem é formada no espelho; tal reflexo, no entanto, nunca afeta o espelho de modo algum, pois quando o objeto deixa a vizinhança do espelho, a imagem ou reflexo desaparece. A alma é como o espelho. Prazer e dor são como reflexos nela. Eles vêm e vão sem a alma ser modificada em absoluto por eles de nenhuma maneira. Prazer e dor são destrutíveis, mas a alma não.) Enquanto as ações de alguém não estão esgotadas (por desfrute ou tolerância de seus resultados bons ou maus), ele considera o corpo como ele mesmo. O homem, no entanto, cujos atos estão esgotados, sem considerar o corpo como o eu, toma o eu como sendo alguma coisa diferente. (O homem comum pensa que esta conglomeração de diversos objetos é seu eu. O homem de sabedoria que esgotou seus atos não pensa assim. Ele está livre da obrigação de aceitar um corpo.) Diversos objetos existentes (tais como os elementos primordiais e os sentidos, etc.) obtendo um corpo, se tornam unidos como um. Para homens de conhecimento que compreendem a diferença (entre o corpo e eu), aqueles mesmos objetos se tornam eternos. (Isto é, no caso de homens comuns, as partes componentes do corpo se dissolvem, enquanto Yogins podem proteger tais partes da dissolução por tanto tempo quanto eles queiram.) No Sacrifício de Cavalos, este Sruti é ouvido a respeito da morte do cavalo. Aquelas que são as posses indubitáveis das criaturas incorporadas, isto é, seus ares vitais (e os sentidos, etc.), existem eternamente mesmo quando eles são levados para o outro mundo. Eu te direi o que é benéfico, se isto for agradável para ti, ó rei. Tu, enquanto empenhado em teus sacrifícios, ouviste sobre os caminhos das divindades. Quando preparativos eram feitos para algum sacrifício teu, as divindades ficavam beneficentemente inclinadas a ti. Quando, de fato, as divindades estavam assim dispostas e vinham aos teus sacrifícios, elas eram

senhores na questão da passagem (deste para o mundo seguinte) dos animais mortos. (As divindades levam para o mundo seguinte os animais mortos em sacrifícios. Embora os corpos de tais animais sejam aparentemente destruídos, contudo seus ares vitais e sentidos continuavam a existir.) Por essa razão, os eternos (isto é, Jivas), por adorarem as divindades nos sacrifícios, conseguem alcançar metas excelentes. Quando os cinco elementos primordiais são eternos, quando a alma também é eterna, ele chamado Purusha (isto é, a alma investida com invólucro) é assim igualmente. Quando tal é o caso, aquele que vê uma criatura como disposta a tomar diversas formas, é considerada como tendo uma compreensão errônea. Aquele que cede a muita tristeza pela separação é, eu penso, uma pessoa tola. Aquele que vê mal na separação deve abandonar união. Por se manter à distância, uniões não são formadas, e a tristeza é rejeitada, pois a tristeza no mundo é nascida da separação. (O sentido é que esposas, etc., quando perdidas são fontes de tristeza, homens sábios devem se abster de contrair tais relações. Eles podem então ser livres de tristeza.) Somente aquele que compreende a distinção entre corpo e eu, e não outro, fica livre da convicção errônea. Aquele que conhece o outro (isto é, o eu) obtém a maior compreensão e se torna livre do erro. Com relação às criaturas, elas aparecem de um estado invisível, e mais uma vez desaparecem na invisibilidade. (Nós viemos do imanifesto e desaparecemos novamente no imanifesto.) Eu não conheço ele (isto é, ele que é emancipado). Ele também não me conhece. Com relação a mim mesmo, a renúncia ainda não é minha. Aquele que não é possuidor de força suporta ou desfruta dos resultados de todas as suas ações naqueles corpos nos quais ele as faz. Se o ato for um mental, suas consequências serão desfrutadas ou suportadas mentalmente; se ele for feito com o corpo, suas consequências serão desfrutadas ou suportadas no corpo." (O que é afirmado aqui é que se um homem faz um ato que é mau, ele terá que suportar suas consequências em um corpo humano. O mesmo com relação às recompensas. Por fazer um ato meritório em sua forma humana, alguém desfrutará de suas boas consequências em seu corpo humano. Igualmente atos feitos mentalmente afetam a mente e aqueles feitos com o corpo afetam o corpo.)

35

"Vaisampayana disse, 'O rei Dhritarashtra nunca tinha visto seus próprios filhos. Obtendo visão pela graça do Rishi ele viu, pela primeira vez, ó perpetuador da linhagem de Kuru, aqueles filhos dele que eram muito parecidos com ele mesmo. Aquele principal dos homens, isto é, o monarca Kuru, tinha aprendido todos os deveres dos reis, como também os Vedas e os Upanishads, e tinha adquirido uma certeza de compreensão (da mesma fonte). Vidura de grande sabedoria obteve o maior sucesso pelo poder de suas penitências. Dhritarashtra também obteve grande sucesso por ter encontrado com o asceta Vyasa.'"

"Janamejaya disse, 'Se Vyasa, disposto a me conceder uma bênção, bondosamente me mostrar meu pai naquela forma que ele tinha, vestido como ele costumava estar vestido, e tão idoso quando ele estava quando ele partiu deste

mundo, eu poderei então acreditar em tudo o que tu me disseste. Tal visão será a mais agradável para mim. De fato, eu me considerarei coroado com sucesso. Eu terei ganhado uma certeza de conclusão. Ó, que meu desejo seja coroado com realização pela graça daquele mais notável dos Rishis.”

"Sauti disse, 'Depois que o rei Janamejaya tinha dito essas palavras, Vyasa de grande energia e inteligência mostrou sua graça e trouxe Parikshit (do outro mundo). O rei Janamejaya viu seu nobre pai, possuidor de grande beleza, trazido do Céu, na mesma forma que ele tinha e da mesma idade que ele era (no momento de partir deste mundo). Samika de grande alma também, e seu filho Sringin, foram similarmente levados lá. Todos os conselheiros e ministros do rei os viram. O rei Janamejaya, realizando o banho final em seu sacrifício, ficou muito contente. Ele derramou a água sagrada em seu pai, assim como ele a fez ser derramada sobre ele mesmo. Tendo passado pelo banho final, o rei se dirigiu ao regenerado Astika que tinha nascido na tribo dos Yayavaras e que era o filho de Jaratkaru, e disse estas palavras, 'Ó Astika, esse meu sacrifício está repleto de muitos incidentes extraordinários, já que este meu pai foi visto por mim, ele que dissipou todas as minhas tristezas.'"

"Astika disse, 'O realizador daquele sacrifício no qual o Rishi antigo, Vyasa Nascido na Ilha, aquele vasto receptáculo de penitências, está presente, seguramente, ó principal da linhagem de Kuru, conquistará ambos os mundos. Ó filho dos Pandavas, tu ouviste uma história magnífica. As cobras foram reduzidas a cinzas e seguiram os passos do teu pai. Pela tua veracidade, ó monarca, Takshaka escapou com dificuldade de um destino doloroso. Os Rishis foram todos adorados. Tu viste também o fim que foi obtido por teu pai de grande alma. Tendo ouvido essa história purificadora de pecado tu adquiriste mérito abundante. Os nós do teu coração foram desatados pela visão daquela pessoa notável. Eles que são os sustentadores das asas da Virtude, eles que são de boa conduta e disposição excelente, eles à visão de quem pecados se tornam atenuados, nós todos devemos reverenciá-los.'"

"Sauti continuou, 'Tendo ouvido isso daquele principal dos regenerados, o rei Janamejaya reverenciou aquele Rishi, honrando-o repetidamente de todas as maneiras. Conhecedor de todos os deveres ele então perguntou ao Rishi Vaisampayana de glória imperecível sobre a continuação, ó melhor dos ascetas, da residência do rei Dhritarashtra nas florestas.'"

36

"Janamejaya disse, 'Tendo visto seus filhos e netos com todos os seus amigos e seguidores, o que, de fato, aquele soberano de homens, isto é, Dhritarashtra, e o rei Yudhishtira também, fizeram?'"

"Vaisampayana disse, 'Contemplando aquela visão extraordinariamente admirável, isto é, o reaparecimento de seus filhos, o sábio nobre, Dhritarashtra, livrou-se de sua dor e voltou (das margens do Bhagirathi) para seu retiro. As

peças comuns e todos os grandes Rishis, despedidos por Dhritarashtra, voltaram para os locais que eles desejavam respectivamente. Os Pandavas de grande alma, acompanhados por suas esposas, e com um pequeno séquito, foram para o retiro do monarca de grande alma. Então o filho de Satyawati, que era honrado por Rishis regenerados e todas as outras pessoas, chegando ao retiro, se dirigiu a Dhritarashtra, dizendo, 'Ó Dhritarashtra de braços poderosos, ó filho da linhagem de Kuru, escute o que eu digo. Tu ouviste diversos discursos de Rishis de grande conhecimento e atos sagrados, de riqueza de penitências e excelência de sangue, de familiaridade com os Vedas e seus ramos, de piedade e idade, e de grande eloquência. Não coloque tua mente outra vez na tristeza. Aquele que possui sabedoria nunca é agitado pela má sorte. Tu também ouviste os mistérios das divindades de Narada de forma celeste. Todos os teus filhos alcançaram, pelo cumprimento das práticas Kshatriya, aquela meta auspiciosa que é santificada por armas. Tu viste como eles se movem à vontade em grande felicidade. Este Yudhishtira de grande inteligência está esperando tua permissão, com todos os seus irmãos e esposas e parentes. Despeça-o. Deixe-o voltar para seu reino e governá-lo. Eles passaram mais do que um mês residindo nas florestas. A posição de soberania deve ser sempre bem protegida. Ó rei, ó tu da linhagem de Kuru, um reino tem muitos inimigos.' Assim endereçado por Vyasa de energia incomparável, o rei Kuru, bem versado em palavras, convocou Yudhishtira e disse para ele, 'Ó Ajatasatru, bênçãos sobre ti! Escute-me, com todos os teus irmãos. Pela tua graça, ó rei, a dor não está mais no meu caminho. Eu estou vivendo tão alegremente, ó filho, contigo aqui como se eu estivesse na cidade chamada de elefante. Contigo como meu protetor, ó erudito, eu estou desfrutando de todos os objetos agradáveis. Eu tenho obtido de ti todos aqueles serviços que um filho presta para seu pai. Eu estou muito satisfeito contigo. Eu não tenho o mínimo descontentamento contigo, ó de braços poderosos. Vá agora, ó filho, sem demora mais por aqui. Encontrando contigo, minhas penitências estão sendo diminuídas. Este meu corpo, dotado de penitências, eu tenho podido sustentar somente por meu encontro contigo. Estas tuas duas mães, subsistindo agora de folhas caídas de árvores, e praticando votos similares aos meus, não viverão muito tempo. Duryodhana e outros, que se tornaram habitantes do outro mundo, foram vistos por nós, pela força das penitências de Vyasa e através (do mérito) dessa minha reunião contigo. Ó impecável, o propósito da minha vida foi alcançado. Eu agora desejo me dedicar à prática das mais austeras das penitências. Cabe a ti me conceder permissão. De ti dependem agora o bolo fúnebre, a fama e realizações e a linhagem de nossos antepassados. Ó poderosamente armado, parta então amanhã ou neste mesmo dia. Não demore, ó filho. Ó chefe da linhagem de Bharata, tu ouviste repetidamente quais são os deveres dos reis. Eu não vejo o que mais eu posso dizer para ti. Eu não tenho mais nenhuma necessidade contigo, ó tu de grande força.'"

"Vaisampayana continuou, 'Para o (velho) monarca que falado assim, o rei Yudhishtira replicou, 'Ó tu que és conhecedor de toda regra de virtude, não cabe a ti me rejeitar dessa maneira. Eu não sou culpado de alguma falha. Que todos os meus irmãos e seguidores partam como eles quiserem. Com votos firmes eu servirei a ti e estas minhas duas mães.' Para ele Gandhari então disse, 'Ó filho,

que não seja assim. Ouça, a linhagem de Kuru é agora dependente de ti. O bolo fúnebre do meu sogro também depende de ti. Parta então, ó filho. Nós fomos honrados e servidos suficientemente por ti. Tu deves fazer o que rei diz. De fato, ó filho, tu deves obedecer às ordens do teu pai.”

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Gandhari, o rei Yudhishtira, esfregando seus olhos que estavam banhados em lágrimas de afeição, disse estas palavras de lamento, 'O rei me rejeita, como também Gandhari de grande fama. Meu coração, no entanto, está ligado a ti. Como eu irei, cheio de angústia como eu estou, te deixar? Eu, entretanto, não ousa obstruir tuas penitências, ó senhora virtuosa. Não há nada mais elevado do que penitências. É pelas penitências que alguém chega ao Supremo. Ó rainha, meu coração não está mais voltado como antigamente para o reino. Minha mente está totalmente fixa em penitências agora. A Terra inteira está vazia agora. Ó senhora auspiciosa, ela não me agrada mais. Nossos parentes foram reduzidos em número. Nossa força não é mais o que ela era antes. Os Panchalas foram totalmente exterminados. Eles existem em nome somente. Ó dama auspiciosa, eu não vejo ninguém que possa assisti-los como seu restabelecimento e crescimento. Todos eles foram reduzidos a cinzas por Drona no campo de batalha. Aqueles que restaram foram mortos pelo filho de Drona à noite. Os Chedis e os Matsyas, que eram nossos amigos, não existem mais. Somente as tribos dos Vrishnis são tudo o que resta, Vasudeva tendo-os mantido. Vendo somente os Vrishnis eu desejo viver. Meu desejo de vida, no entanto, é devido ao meu desejo de adquirir mérito e não riqueza ou prazer. Lance olhares auspiciosos sobre nós todos. Obter tua visão será difícil para nós. O rei começará a praticar as penitências mais austeras e insuportáveis.' Ouvindo essas palavras, aquele senhor de batalha, Sahadeva de braços poderosos, com olhos banhados em lágrimas, se dirigiu a Yudhishtira, dizendo, 'Ó chefe da linhagem de Bharata, eu não ousa deixar minha mãe. Volte logo para a capital. Eu praticarei penitências, ó pujante. Aqui mesmo eu emaciarei meu corpo por meio de penitências, dedicado a servir os pés do rei e dessas minhas mães.' Para aquele herói de braços poderosos, Kunti, depois de um abraço, disse, 'Parta, ó filho. Não fale assim. Cumpra minha ordem. Todos vocês partam daqui. Que a paz seja sua. Ó filhos, que a felicidade seja sua. Se vocês ficarem aqui nossas penitências serão obstruídas. Vinculada pelos laços da minha afeição por ti eu me desviarei das minhas penitências superiores. Portanto, ó filho, nos deixe. Curto é o período que nós temos de vida, ó tu de grande força.' Por essas e diversas outras palavras de Kunti, as mentes de Sahadeva e do rei Yudhishtira foram serenadas. Aqueles principais da linhagem de Kuru, tendo recebido a permissão de sua mãe como também do (velho) monarca, saudaram o último e começaram a se despedir.”

"Yudhishtira disse, 'Alegrados por bênçãos auspiciosas nós voltaremos para a capital. De fato, ó rei, tendo recebido tua permissão, nós deixaremos este retiro, livres de todo pecado.' Assim endereçado pelo rei de grande alma Yudhishtira o justo, aquele sábio real, isto é, Dhritarashtra, abençoou Yudhishtira e lhe deu permissão. O rei confortou Bhima, aquele principal de todos os homens dotados de grande força. Dotado de grande energia e grande inteligência, Bhima mostrou

sua submissão para o rei. Abraçando Arjuna e aqueles mais notáveis dos homens, isto é, os gêmeos também, e os abençoando repetidamente, o rei Kuru lhes deu permissão para partir. Eles adoraram os pés de Gandhari e receberam suas bênçãos também. Sua mãe Kunti então cheirou suas cabeças e os dispensou. Eles então circungiraram o rei como bezerras, quando impedidos de mamar em suas mães. De fato, eles andaram repetidamente ao redor dele, olhando-o constantemente. Então todas as damas da família Kaurava, encabeçadas por Draupadi, reverenciaram seu sogro de acordo com os ritos formulados nas escrituras e se despediram. Gandhari e Kunti abraçaram cada uma delas, e as abençoando as mandaram partir. Suas sogras as instruíram quanto a como elas deviam se comportar. Obtendo permissão, elas então partiram com seus maridos. Então sons altos foram ouvidos, proferidos pelos cocheiros que diziam, 'Emparelhem, Emparelhem,' como também de camelos que grunhiam alto e de corcéis que relinchavam vigorosamente. O rei Yudhishtira, com suas esposas e tropas e todos os seus parentes, partiu para Hastinapura.”

37

"Vaisampayana disse, 'Depois que dois anos tinham decorrido da data do retorno dos Pandavas (do retiro de seu pai), o Rishi celeste, Narada, ó rei, foi até Yudhishtira. O poderosamente armado rei Kuru, aquele principal dos oradores, isto é, Yudhishtira, tendo-o reverenciado devidamente, o fez tomar um assento. Depois que o Rishi tinha descansado um pouco, o rei o questionou, dizendo, 'É depois de um longo tempo que eu vejo tua pessoa santa chegada à minha corte. Tu estás em paz e felicidade, ó Brahmana erudito? Quais são aqueles países pelos quais tu tens passado? O que eu devo fazer para ti? Diga-me. Tu és o mais notável dos regenerados, e tu és nosso maior refúgio.'"

"Narada disse, 'Eu não tenho te visto por um longo tempo. Por isso é que eu vim a ti do meu retiro ascético. Eu vi muitas águas sagradas, e a sagrada corrente Ganga também, ó rei.'"

"Yudhishtira disse, 'Pessoas habitando as margens do Ganga relatam que Dhritarashtra de grande alma está praticando as mais austeras das penitências. Tu o viste lá? Aquele perpetuador da linhagem de Kuru está em paz? Gandhari e Pritha, e o filho de Suta Sanjaya também, estão em paz? Como, de fato, está passando aquele meu nobre pai? Eu desejo saber isso, ó santo, se tu tens visto o rei (e sabes de sua condição).'"

"Narada disse, 'Escute, ó rei, com calma enquanto eu te digo o que eu vi e ouvi naquele retiro ascético. Depois do teu retorno de Kurukshetra, ó encantador dos Kurus, teu pai, ó rei, procedeu para Gangadwara. Aquele monarca inteligente levou com ele seu fogo (sagrado), Gandhari e sua nora Kunti, como também Sanjaya da casta Suta, e todos os Yajakas. Possuidor de riqueza de penitências, teu pai se dedicou à prática de austeridades severas. Ele mantinha seixos de pedra em sua boca e tinha somente ar para sua subsistência, e se absteve totalmente de falar. Empenhado em penitências rígidas, ele era adorado por todos

os ascetas nas florestas. Em seis meses o rei estava reduzido somente a um esqueleto. Gandhari subsistia só de água, enquanto Kunti tomava um pouco todo sexto dia. O fogo sagrado, ó monarca, (pertencente ao rei Kuru) era devidamente adorado pelos assistentes sacrificantes que estavam com ele, com libações de manteiga clarificada despejadas sobre ele. Eles faziam isso o rei visse o rito ou não. O rei não tinha habitação fixa. Ele se tornou um viajante através daquelas florestas. As duas rainhas, como também Sanjaya, o seguiam. Sanjaya agia como o guia em terreno plano e acidentado. A impecável Pritha, ó rei, se tornou a visão de Gandhari. Um dia, aquele melhor dos reis procedeu para um local na margem do Ganga. Ele então se banhou no rio sagrado e terminando suas abluções virou seu rosto em direção ao seu retiro. O vento ergueu-se grandemente. Começou um incêndio violento na floresta. Ele começou a queimar aquela floresta por toda parte. Quando os bandos de animais estavam sendo queimados por todos os lados, como também as cobras que habitavam aquela região, bandos de javalis selvagens começaram a se refugiar nos pântanos e águas mais próximos. Quando aquela floresta foi assim afligida por todos os lados e tal desgraça surpreendeu todas as criaturas vivas que residiam lá, o rei, que não tinha se alimentado, não podia se mover ou se esforçar absolutamente. Tuas duas mães também, extremamente emaciadas, não podiam se mover. O rei, percebendo a conflagração se aproximar dele de todos os lados, se dirigiu ao Suta Sanjaya, aquele principal dos quadrigários habilidosos, dizendo, 'Vá, ó Sanjaya, para um lugar onde o fogo não possa te queimar. Com relação a nós, nós permitiremos que nossos corpos sejam destruídos por esse fogo e atingiremos a meta mais elevada.' Para ele, Sanjaya, aquele principal dos oradores, disse, 'Ó rei, esta morte, trazida por um fogo que não é sagrado, virá a ser calamitosa para ti. Eu, no entanto, não vejo nenhuma maneira pela qual tu possas escapar dessa conflagração. Aquilo que deve ser feito em seguida deve ser indicado por ti.' Assim endereçado por Sanjaya o rei mais uma vez disse, 'Essa morte não pode ser calamitosa para nós, pois nós deixamos nossa casa por nossa própria vontade. Água, fogo, vento, e abstenção de alimento, (como meios de morte), são louváveis para ascetas. Deixe-nos, portanto, ó Sanjaya, sem qualquer demora.' Tendo dito essas palavras para Sanjaya, o rei concentrou sua mente. Voltando-se para o leste, ele se sentou, com Gandhari e Kunti. Vendo-o naquela atitude, Sanjaya caminhou em volta dele. Dotado de inteligência, Sanjaya disse, 'Concentre tua alma, ó pujante.' O filho de um Rishi, e ele mesmo possuidor de grande sabedoria, o rei agiu como ele foi mandado. Reprimindo todos os sentidos, ele permaneceu como um poste de madeira. A altamente abençoada Gandhari, e tua mãe Pritha também, permaneceram na mesma postura. Então teu nobre pai foi alcançado pelo incêndio florestal. Sanjaya, seu ministro, conseguiu escapar daquela conflagração. Eu o vi nas margens do Ganga no meio de ascetas. Dotado de grande energia e inteligência, ele se despediu deles e então partiu para as montanhas de Himavat. Assim mesmo o rei Kuru de grande alma encontrou com sua morte, e foi assim que Gandhari e Kunti, tuas duas mães, também encontraram com a morte, ó monarca. No decurso de minhas viagens à vontade, eu vi os corpos daquele rei e daquelas duas rainhas, ó Bharata. Muitos ascetas chegaram àquele retiro, tendo sabido do fim do rei Dhritarashtra. Eles não se afligiram em absoluto por aquele fim deles. Lá, ó melhor dos homens, eu soube

todos os detalhes de como o rei e as duas rainhas, ó filho de Pandu, foram queimados. Ó rei de reis, tu não deves sofrer por ele. O monarca, por sua própria vontade, como também Gandhari e tua mãe, obtiveram aquele contato com o fogo.”

"Vaisampayana continuou, 'Sabendo da saída de Dhritarashtra deste mundo, os Pandavas de grande alma todos deram vazão a grande pesar. Sons altos de lamento foram ouvidos dentro dos apartamentos internos do palácio. Os cidadãos também, sabendo da morte do velho rei, proferiram lamentações altas. 'Ó que vergonha!' gritou o rei Yudhishtira em grande agonia, erguendo seus braços para o alto. Pensando em sua mãe, ele chorou como uma criança. Todos os seus irmãos também, encabeçados por Bhimasena, fizeram o mesmo. Sabendo que Pritha tinha encontrado com tal destino, as damas da casa real proferiram lamentos altos de dor. Todo o povo sofreu ao saber que o velho rei, que tinha ficado sem filhos, tinha morrido queimado e que a desamparada Gandhari também tinha compartilhado seu destino. Quando aqueles sons de lamento cessaram por um instante, o rei Yudhishtira o justo, parando suas lágrimas por convocar toda sua paciência, disse estas palavras.”

38

"Yudhishtira disse, 'Quando tal destino alcançou aquele monarca de grande alma que estava empenhado em penitências austeras, apesar do fato de ele ter parentes como nós todos vivos, me parece, ó regenerado, que o fim dos seres humanos é difícil de adivinhar. Ai, quem pensaria que o filho de Vichitravirya seria queimado até a morte dessa maneira? Ele teve cem filhos cada um dotado de braços poderosos e possuidor de grande prosperidade. O próprio rei tinha a força de dez mil elefantes. Ai, ele mesmo ele morreu queimado em um incêndio florestal! Ai, ele que antigamente era abanado com folhas de palmeira pelas mãos formosas de belas mulheres foi abanado por urubus com suas asas depois de ter sido queimado em uma conflagração na floresta! Ele que era antigamente despertado do sono toda manhã por grupos de Sutas e Magadhas teve que dormir no solo nu por causa das ações da minha pessoa pecaminosa. Eu não me aflijo pela famosa Gandhari que foi privada de todos os seus filhos. Observando os mesmos votos que seu marido, ela alcançou aquelas mesmas regiões que se tornaram dele. Eu sofro, no entanto, por Pritha que, abandonando a prosperidade refulgente de seus filhos, se tornou desejosa de residir nas florestas. Que vergonha para esta nossa soberania, que vergonha para nossa destreza, que vergonha para as práticas de Kshatriyas! Embora vivos, nós estamos realmente mortos! Ó principal dos Brahmanas superiores, o curso do Tempo é muito sutil e difícil de entender, visto que Kunti, abandonando a soberania, desejou tomar sua residência na floresta. Como é que ela que era a mãe de Yudhishtira, de Bhima, de Vijaya, morreu queimada como uma criatura desamparada? Pensando nisso eu fico estupefato. Em vão a divindade do fogo foi satisfeita em Khandava por Arjuna. Ingrato que ele é, esquecendo aquele serviço ele queimou até a morte a mãe de seu benfeitor! Ai, como pôde aquela divindade queimar a mãe de Arjuna?

Assumindo a aparência de um Brahmana, ele antigamente se aproximou de Arjuna para pedir um favor. Que vergonha para a divindade do fogo! Que vergonha para o sucesso célebre das flechas de Partha! Este é outro incidente, ó santo, que me parece ser produtivo de grande miséria, pois aquele senhor da Terra encontrou com a morte por união com um fogo que não era sagrado. Como tal morte pôde surpreender aquele sábio real da linhagem de Kuru que, depois de ter governado a Terra inteira, estava empenhado na prática de penitências? Naquela grande floresta existiam fogos que tinham sido santificados com mantras! Ai, meu pai saiu deste mundo entrando em contato com um fogo não santificado! Eu suponho que Pritha, emaciada e reduzida a uma forma na qual todos os seus nervos se tornaram visíveis, deve ter tremido de medo e gritado alto dizendo, 'Ó filho Yudhishtira!', e esperado a aproximação terrível da conflagração. Ela deve ter dito também, 'Ó Bhima, me salve deste perigo!' quando ela, minha mãe, estava cercada por todos os lados por aquela conflagração terrível. Entre todos os seus filhos, Sahadeva era seu predileto. Ai, aquele filho heróico de Madravati não a salvou.' Ouvindo essas lamentações do rei, aquelas pessoas que estavam presentes lá começaram a chorar, abraçando umas às outras. Realmente, os cinco filhos de Pandu estavam tão tomados pela dor que eles pareciam com criaturas vivas na hora da dissolução do universo. O som das lamentações proferidas por aqueles heróis pranteando, enchendo as câmaras espaçosas do palácio, escapou de lá e penetrou o próprio firmamento.”

39

"Narada disse, 'O rei não morreu queimado por um fogo não santificado. Eu soube disso lá. Eu te digo, ó Bharata, esse não foi o destino do filho de Vichitraviryya. Foi ouvido por nós que quando o velho rei dotado de grande inteligência e subsistindo só de ar entrou nas florestas (depois de seu retorno de Gangadwara), ele fez seus fogos sacrificais serem acesos adequadamente. Tendo realizado seus ritos sagrados com eles, ele os abandonou todos. Então os Brahmanas Yajaka que ele tinha com ele rejeitaram aqueles fogos em uma parte solitária das florestas e foram embora como eles desejavam em outras missões, ó principal da linhagem de Bharata. O fogo assim rejeitado cresceu nas florestas. Ele então produziu uma conflagração geral na floresta. Foi isso o que eu ouvi dos ascetas habitantes das margens do Ganga. Unido com aquele seu próprio fogo (sagrado), ó chefe dos Bharatas, o rei, como eu já te disse, encontrou com a morte nas margens de Ganga. Ó impecável, isso é o que os ascetas me disseram, aqueles, isto é, a quem eu vi nas margens do sagrado Bhagirathi, ó Yudhishtira. Dessa maneira, ó senhor da Terra, o rei Dhritarashtra, entrando em contato com seu próprio fogo sagrado, partiu deste mundo e alcançou aquela meta elevada que era dele. Pelo serviço prestado por ela para seus superiores, tua mãe, ó senhor de homens, obteve um sucesso muito grande. Não há a mínima dúvida disso. Cabe a ti, ó rei de reis, agora cumprir os ritos de água em sua honra, com todos os teus irmãos. Que, portanto, os passos necessários sejam tomados em direção àquele fim.'"

"Vaisampayana continuou, 'Então aquele senhor da Terra, aquele principal dos homens, aquele sustentáculo das cargas dos Pandavas, saiu, acompanhado por todos os seus irmãos assim como as damas de sua família. Os habitantes da cidade como também aqueles das províncias, impelidos por sua lealdade, também saíram. Todos eles procederam para as margens de Ganga, cada um vestido em uma única peça de roupa. Então todos aqueles principais dos homens, tendo mergulhado no rio, colocaram Yuyutsu em sua frente e começaram a oferecer oblações de água para o rei de grande alma. E eles também deram oblações similares para Gandhari e Pritha, nomeando cada uma separadamente e mencionando suas famílias. Tendo terminado aqueles ritos que purificam os vivos, eles voltaram, mas sem entrarem em sua capital tomaram sua residência fora dela. Eles também despacharam várias pessoas de confiança bem familiarizadas com as ordenanças relativas à cremação dos mortos para Gangadwara, onde o velho rei tinha morrido queimado. O rei, tendo recompensado previamente aqueles homens, os mandou realizarem aqueles ritos de cremação que os corpos de Dhritarashtra e Gandhari e Kunti ainda esperavam. No décimo segundo dia, o rei, devidamente purificado, realizou adequadamente os Sraddhas dos seus parentes falecidos, os quais foram caracterizados por doações em abundância. Referindo-se a Dhritarashtra, Yudhishthira fez muitas doações de ouro e prata, de vacas e camas caras. Proferindo os nomes de Gandhari e Pritha, o rei, dotado de grande energia, fez muitos presentes excelentes. Cada homem recebeu aquela coisa que ele desejava e tanto dela quanto ele quisesse. Camas e alimento, e carros e transportes, e jóias e pedras preciosas, e outras riquezas foram doadas em profusão. De fato, o rei se referindo às suas duas mães doou carros e transportes, mantos e cobertores, vários tipos de alimento, e escravas enfeitadas com diversos ornamentos. Tendo assim feito muitos tipos de doações em profusão, aquele senhor da Terra então entrou em sua capital que recebeu o nome do elefante. Aqueles homens que tinham ido para as margens de Ganga por ordem do rei, tendo se descartado (por meio de cremação) dos restos do rei e da rainha, voltaram para a cidade. Tendo honrado adequadamente aqueles restos com guirlandas e perfumes de diversos tipos e se descartado deles, eles informaram Yudhishthira da execução de sua tarefa. O grande Rishi Narada, tendo consolado o rei Yudhishthira de alma virtuosa, partiu para onde ele queria. Dessa maneira o rei Dhritarashtra fez sua saída deste mundo depois de ter passado três anos na floresta e quinze anos na cidade. Tendo perdido todos os seus filhos em batalha, ele fez muitas doações em honra de seus parentes e amigos, seus confrades e seu próprio povo. O rei Yudhishthira, depois da morte de seu tio, se tornou muito triste. Privado de seus parentes, ele de alguma maneira carregou a carga da soberania.

Deve-se escutar com atenção absorta este Asramavasika Parvan, e tendo-o ouvido, deve-se alimentar Brahmanas com Habishya, honrando-os com perfumes e guirlandas.”

Fim do Asramavasika Parvan.